

**04. EDIÇÃO
NÚMERO TRÊS
JUNHO _ 2015**

ANIMA

**revista anima
publicação do FESTIM _ Festival do Teatro em Miniatura
4 edição, Belo Horizonte, 2015.**

FESTIM

Festival de Teatro em Miniatura

www.festim.art.br

apresenta:



ANIMA

Revista Anima, n. 03, 4 ed., 2015

www.revistaanima.wordpress.com

expediente

realização: Grupo Girino

editores: Maikon Rangel e Tiago Almeida

diagramação: Tiago Almeida

revisão: Iasmim Marques

edição atual: 04. edição / número três

publicada em 27 / 06 / 2015

contato: revista@grupogirino.com.br

normas para publicação disponível em:

www.festim.art.br/anima



SUMÁRIO

- 06 CAIXAS DE TEATRO LAMBE-LAMBE: O menor teatro do mundo**
CONCEIÇÃO ROSIÈRE _ BELO HORIZONTE / MG
- 10 TEATRO LAMBE-LAMBE: peculiaridades e desafios**
VALMOR NÍNI BETRAME _ UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
- 16 DRAMATURGIA EN LAMBE LAMBE**
VALERIA CORREA ROJAS _ CIA OANI DE TEATRO _ VALPARAÍSO / CHILE
- 20 DEL PEEP-SHOW, TITIRIMUNDI Y LINTERNAS MAGICAS**
A LOS LAMBE-LAMBE EN BRASIL Y LAS CAJAS MISTERIOSAS EN MEXICO
CÉSAR TAVERA _ BAÚL TEATRO_ MONTERREY / MÉXICO
- 28 TEATROS DE PAPEL EN ESPAÑA**
LUCÍA CONTRERAS _ VALÊNCIA / ESPANHA
- 36 OLHAR PARA O LADO DE DENTRO**
ROBERTO GORGATI _ UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
- 39 DENTRO DA MINHA MALA**
DÉBORA MAZUCHI _ ALDEIA TEATRO DE BONECOS _ BELO HORIZONTE / MG
- 40 'GRITOS E SUSSUROS' NO TEATRO LAMBE-LAMBE**
ISMINE LIMA _ SALVADOR / BA
- 42 REMÉDIO TARJA BRANCA**
HÉLIO LEITES _ CURITIBA / PR
- 44 FILHOS DO VENTO: Uma experiência de circulação com Teatro Lambe-lambe**
LAÉRCIO AMARAL _ CIA ANDANTE PRODUÇÕES ARTÍSTICAS _ ITAJAÍ / SC
- 46 COISAS DE MULHER: um constante recomeço**
AMARA HURTADO, JIRLENE PASCOAL E MARIANA BAETA
AS CAIXEIRAS CIA. DE BONECAS _ BRASÍLIA / DF
- 48 TEATRO LAMBE-LAMBE PARA ALIMENTAR A BARRIGA E ALMA**
SUZI DAIANE DA SILVA _ CIA ARTÍSTICA AVENIDA LAMPARINA _ JARAGUÁ DO SUL / SC
- 50 MEDIOVACÍO**
MAU FUNES _ ENCLENQUE TEATRO DE TÍTERES _ MENDOZA / ARGENTINA
- 54 PEQUENINAS GRANDES FORMAS QUE ME ANIMAM**
SANDRA LANE _ BELO HORIZONTE / MG
- 56 CAIXAS, LITERATURAS E PATRIMÔNIO**
BRUNO REGENTHAL _ CIA NAU DOS SONHOS _ OURO PRETO / MG
- 58 ENTREVISTA: CAMILA LANDON**
CIA OANI DE TEATRO _ VALPARAÍSO / CHILE

- 64 FESTIM - FESTIVAL DE TEATRO EM MINIATURA 2015**
PROGRAMAÇÃO
- 70 ESPETÁCULO: A ARANHA ENDIVIDADA E OUTRAS FÁBULAS**
Gislayne Mattos
- 72 ESPETÁCULO: COTIDIANO**
Maikon Rangel _ Grupo Girino
- 74 ESPETÁCULO: CORAÇÃO ALADO**
Iasmim Marques _ Grupo Girino
- 76 ESPETÁCULO: ISTO NÃO É UMA CAIXA**
Tiago Almeida _ Grupo Girino
- 78 ESPETÁCULO: LÁGRIMA**
Catibrum Teatro de Bonecos
- 80 ESPETÁCULO: MÁQUINA DE HISTÓRIAS**
Grupo Aldeia Teatro de Bonecos
- 82 ESPETÁCULO: NUM PISCAR DE OLHOS**
Conceição Rosière
- 84 ESPETÁCULO: O BALÃO AZUL**
Grupo Circulador
- 86 ESPETÁCULO: O PEQUENO PRÍNCIPE DE PAPEL**
Grupo Girino
- 88 ESPETÁCULO: O SEGREDO DA BORBOLETA**
Zina Vieira
- 90 ESPETÁCULO: PONCO VÔ**
Hermes Perdigão e Aline Beatriz
- 92 ESPETÁCULO: QUATRO ESTAÇÕES**
Sandra Lane
- 94 ESPETÁCULO: RAIZ PROFUNDA**
Hermes Perdigão e Aline Beatriz
- 96 ESPETÁCULO: 3 X 4**
Lúcio Honorato _ Grupo Girino
- 98 OFICINAS FESTIM 2015**
- 99 CAFÉ_DEBATE / PALESTRA / REVISTA ANIMA**
- 100 REGISTROS FESTIM 2014**

CAIXAS DE TEATRO LAMBE-LAMBE: O menor teatro do mundo

CONCEIÇÃO ROSIÈRE _ BELO HORIZONTE / MG

O Teatro de Lambe-Lambe brasileiro nasceu em outubro de 1989, pelas mãos das bonequeiras Ismine Lima e Denise Di Santos. O "Teatro Lambe-Lambe" possui este nome, pois sua forma de apresentação se assemelha aos antigos fotógrafos lambe-lambe que ocupavam as praças brasileiras nas décadas de 40, 50 e 60. Nas praças era comum encontrar os fotógrafos lambe-lambe encapuzados e quase fundidos a caixotes sobre tripés. Existem algumas explicações para a origem do termo lambe-lambe: lambia-se a placa de vidro para saber qual era o lado da emulsão ou se lambia a chapa para fixá-la - processos antigos de revelação de fotografias.

O surgimento se deu pela necessidade das duas artistas de falarem de temas polêmicos para jovens em situação de vulnerabilidade, tais como gravidez, sexo, parto, etc. Uma forma encontrada, foi-a a caixa de lambe-lambe, onde cada um tem a sua vez de olhar e ser informado, de forma artística, sem o constrangimento normalmente gerado por aulas de educação sexual.

O "teatro", onde a peça é encenada, é um processo muito semelhante às câmeras usadas pelos fotógrafos Lambe-lambe em seu trabalho. Utiliza uma pequena caixa cênica, portátil, dentro da qual é encenado um espetáculo, que em geral tem curta duração, com a utilização de bonecos ou outros objetos que são animados.

Em geral, a caixa tem uma abertura na frente, por onde um único espectador de cada vez assiste ao espetáculo, uma abertura atrás ou em cima, que possibilita ao ator-animator ter visão do interior da caixa e duas aberturas laterais, que podem conter ou não uma luva, onde o ator-animator coloca as mãos para realizar a manipulação.

Os orifícios que o manipulador usa para ter acesso a seus bonecos é, normalmente, coberto por um pano preto, com a finalidade de impedir a entrada de luz externa dentro da caixa. Já os usados pelos espectadores para assistir às cenas variam, podendo ser cobertos ou não, dependendo da técnica encenada dentro da caixa. Mas já existem inúmeras variações, não sendo portanto esse tipo de montagem uma exigência técnica.

REVISTA ANIMA _ IV FESTIM _ 2015



CAIXAS DE TEATRO LAMBE-LAMBE: O menor teatro do mundo

CONCEIÇÃO ROSIÈRE _ BELO HORIZONTE / MG

Devido ao reduzido espaço cênico que é a caixa de Teatro Lambe-Lambe e a curta duração do espetáculo, todos os outros elementos que compõem esta manifestação artística são concebidos ou adaptados em conformidade com esta especificidade. E para o público? O se postar diante de uma caixa, sem saber o que esperar, envolve uma série de sentimentos.

Poderíamos aqui falar de uma espécie de voyeurismo, traduzido no ato de observar as pessoas em situações diversas e íntimas, sem que tais pessoas suspeitem que estejam sendo observadas, e uma das características-chave desse transtorno é que o indivíduo não interage com o objeto observado, apenas observa-o a uma relativa distância, talvez escondido, com o auxílio de binóculos, câmeras, etc.

Mas afinal, por que gostamos tanto desse ato de observar pessoas. Os psicólogos explicam que é normal, faz parte da nossa formação o interesse de observar outras pessoas, pois somos naturalmente curiosos. Qualquer meio de comunicação é fonte de fantasias, e as pessoas praticam o voyeurismo continuamente, porém em graus diferentes e com intenções diversas; muitas vezes com intuito sexual, sem ser doença, apenas a mais pura curiosidade.

E nossa curiosidade? Todos nós já pudemos ver um aglomerado de pessoas em torno de um vendedor ambulante. O que leva as pessoas até ele? Basta que algumas pessoas parem para olhar algo e logo a curiosidade toma conta de todos os transeuntes que, aos poucos, também vão parando, curiosos para descobrir o que os outros estão vendendo.

Essa curiosidade, natural do ser humano, é aguçada pelas caixas de teatro. O que há lá dentro? Porque as pessoas fazem fila para olhar? Eu também quero descobrir! E assim, pouco a pouco, as pessoas se aproximam e “adentram” esse teatro, sem portas, apenas com um buraco por onde se descobre um mundo do imaginário. O que pode ser mais fascinante do que isso? E sem perceber as pessoas vão ao teatro, param seus afazeres e sua pressa, e assistem a um espetáculo, assim como o faz o público costumeiro das casas de espetáculo. É a arte, cumprindo sua missão de ser acessível a todos.



FESTIM 2012 - Foto de Sabrina Valente

Além disso, há o segredo e já dizia Soren Kierkgaard, que: "Não há nada em que paire tanta sedução e maldição como num segredo". Na caixa se esconde algo que apenas uma, ou poucas pessoas podem ver de cada vez, mas que os que estão atrás dele não veem. Há uma espécie de conluio entre o bonequeiro e esse público. É interessante observar como os que ainda não assistiram à cena, olham para quem acaba de assisti-la, tentando adivinhar em sua expressão facial, ou reação corporal, qual o impacto que a mesma causou. E em cenas um pouco mais fortes, como quem acaba de assistir olha para aqueles que aguardam, com um misto de vergonha como se fosse pego vendo o que não deveria e um certo orgulho, que refletiria talvez o pensamento "eu vi algo que você não viu e não sabe o que é". E para cada espectador as cenas vistas trazem sensações diferentes, cada um leva para casa um momento único, que teria se perdido no meio da correria do dia-a-dia, mas que agora faz parte da experiência pessoal de cada um.

Para os bonequeiros, apesar da facilidade do transporte, é um trabalho bastante complexo. Além dos aspectos técnicos da construção física, há que se ter uma grande capacidade de síntese. As cenas, as histórias contadas, não podem durar, às vezes, mais que dois minutos. É aqui, no contar uma história em tão pouco tempo, que reside a fascinação e a dificuldade dos bonequeiros. E seria interessante que as caixas mostrassem o que não poderia ser mostrado com o mesmo encanto, mistério ou exatidão no palco de um teatro e não fossem apenas um teatro em miniatura.

TEATRO LAMBE-LAMBE: peculiaridades e desafios

VALMOR NÍNI BETRAME

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC

O Teatro Lambe-Lambe ou Teatro de Miniaturas, como denominam alguns de seus praticantes, é uma das diferentes manifestações do Teatro de Animação que se realiza dentro de uma pequena caixa cênica ou minúscula caixa-palco, na qual é encenado um espetáculo de curta duração para apenas um espectador por sessão (ARRUDA, 2008, p.131).

Essa caixa cênica portátil dispõe de uma abertura na frente pela qual se assiste a performance. Aparentemente simples e despojado, esse teatro tem ganhado adeptos e o aplauso de muitos.

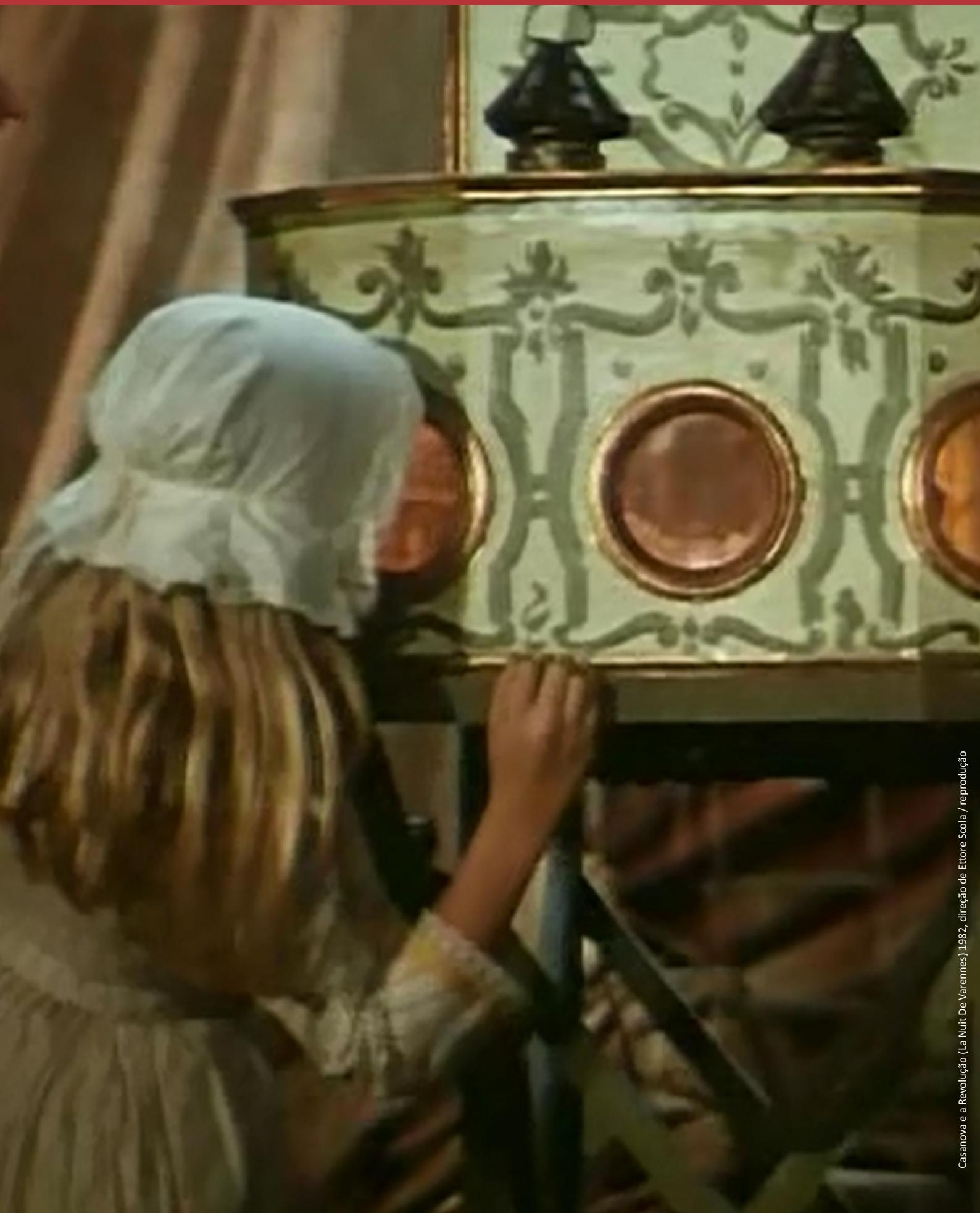
No Brasil, com esse nome, é inicialmente realizado por Denise dos Santos e Ismine Lima, na cidade de Salvador, Bahia, no ano de 1989. Mas existem registros de versões desta modalidade teatral praticadas na França e na Espanha nos séculos passados.

O filme *La Nuit de Varennes* (1982), traduzido no Brasil como *Casanova e a Revolução*, dirigido por Ettore Scola apresenta, já no seu início, uma cena na qual se vê essa forma de teatro de bonecos praticado na França no final do Século XVIII. No livro *Títeres – Teatro Popular*, Francisco Porras descreve diferentes manifestações de teatro de títeres popular, algumas delas realizadas nas ruas de Barcelona e ilustra (página 209) uma dessas apresentações, por volta de 1848, que em muito se assemelha ao que no Brasil conhecemos como Teatro Lambe-Lambe.

Certamente a denominação dada a este tipo de Teatro naquela época na Europa não é a mesma que aqui usamos. Além disso, existem pequenas diferenças no seu modo de fazer, mas em todas elas há algo em comum: a cena se realiza dentro de uma caixa e é vista pelo espectador que a aprecia por um orifício.

Faço estas menções para evidenciar que estas práticas do teatro de bonecos ainda não têm sido devidamente registradas, são originais e mais ricas do que a historiografia até hoje conseguiu analisar.

REVISTA ANIMA _ IV FESTIM _ 2015



TEATRO LAMBE-LAMBE: peculiaridades e desafios

VALMOR NÍNI BETRAME

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC

O Teatro Lambe-Lambe hoje está presente em diferentes lugares do Brasil, em outros países da América Latina e da Europa. Em 2010 foi criada a Associação Nacional dos Titeriteiros do Teatro Lambe-Lambe – ANTL. Atualmente existem festivais dedicados exclusivamente a este teatro, bem como é recorrente sua presença na programação de diversos festivais de teatro.

É possível perceber que esta modalidade teatral tem conquistado elevado valor simbólico resultado tanto de suas criações, quanto da contribuição do olhar sensível de artistas, pesquisadores e produtores culturais. Mas, ao mesmo tempo, a sua disseminação e seu crescimento quantitativo têm gerado dúvidas, expectativas e preocupações.

Neste breve texto destaco algumas de suas características e aponto alguns desafios aos artistas que o praticam, com o objetivo de contribuir para aprofundar a reflexão sobre essa prática.

O Teatro Lambe-Lambe busca a criação de um novo tipo de vínculo com o espectador. A opção por apresentar a performance para uma só pessoa estabelece um tipo de relação em que ela é o centro das atenções. Só ela desfruta da apresentação naquele momento. É espectador especial e único, deixa de ser mais um na multidão. Isso pode gerar um sentimento positivo de inclusão, pertencimento, autoestima.

Como afirma Lagos (2013, p. 78): “dá a cada qual seu lugar como ser único num contexto sócio-político-econômico determinado”. Já não existe a possibilidade de ele ser influenciado pelo comportamento de outros espectadores e ser confundido com a massa. Isso certamente influencia a criação dramatúrgica.

O Teatro Lambe-Lambe apostava na ruptura com as propostas de diversão massificada. É um teatro realizado normalmente por um ator-bonequeiro e apenas um espectador. Isso já constitui um ato de rebeldia que caminha na contra mão da maioria dos espetáculos e eventos artísticos hoje produzidos. Conceber um trabalho teatral de curta duração (01 a 04 minutos) para um único espectador que o vê como se olhasse por um buraco de fechadura evidencia uma noção de tempo e espaço pouco usuais e explorados nas agendas dos programas de diversão e lazer.

O ritmo do que se vê nas caixas convida o espectador a desacelerar (comportamento tão frequente nas cidades), a olhar o detalhe, as sutilezas e remete ao *flâneur* de Baudelaire, o pedestre que se deleitava em observar detalhes e ver o que quase ninguém via em suas caminhadas pela cidade. Também faz lembrar os versos de Manoel de Barros: “Andando devagar eu atraso o final do dia. Caminho por beiras de rios conchosos [...] Eu pertenço de andar atoamente” [...] (Barros, 2010, p.353).

O desafio é criar *dramaturgias* feitas de pequenas histórias. As condições de tempo e espaço requerem a criação de narrativas breves, que remetem a intimidades, segredos, uma espécie de cochicho soprado aos ouvidos do espectador. Tenho observado que as encenações que mais tocam o espectador são aquelas formadas por cenas cotidianas, nas quais se exploram silêncios, invisibilidades, que recorrem a pequenas ações, simples, que suprimem as palavras.

E a lembrança à poesia de Manoel de Barros (2010, p.145) retorna: “As coisas que não levam a nada têm grande importância... Cada coisa ordinária é um elemento de estima... Cada coisa sem préstimo tem seu lugar”. Isso amplia os estímulos à imaginação do espectador, possibilitando relacionar o que vê com as suas lembranças, relações pessoais e experiências.

Ao mesmo tempo, como afirma Gorgati (2011, p.211): “creio que as dramaturgias possíveis desse formato teatral tocam questões que não se limitam ao interior da caixa e às propostas narrativas de seu interior.” Que estímulos a presença das caixas do Lambe-Lambe despertam nos frequentadores de praças e outros espaços públicos em que se instalaram? Já é possível delinear características, estruturas, traços das dramaturgias deste teatro?

No Teatro Lambe-Lambe a ideia de síntese, de despojamento e de simplicidade constitui uma opção que supõe a eliminação de excessos, a escolha do que é essencial. Isso não tem a ver com simplificação ou descuido. A premissa “economia de meios”, que há anos norteia o trabalho de diretores de teatro contemporâneos, é tida como elemento fundamental. Exige uma capacidade de condensação e síntese que desafia os poetas. Os “caixeiros” e “caixeiras” vivem o constante desafio de “dizer muito com pouco”. E basta lembrar que na arte, o simples é quase sempre o mais difícil de ser concretizado.

TEATRO LAMBE-LAMBE: peculiaridades e desafios

VALMOR NÍNI BETRAME

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC

Quem é o ator do Teatro Lambe-Lambe? É ator-bonequeiro? É ator solista que trabalha com a repetição à exaustão. A repetição seguida da performance, ou do espetáculo em miniatura interfere na estrutura, na qualidade do que ele apresenta? Acredito que ele seja um ator que se dedica a explorar as possibilidades expressivas do boneco, do objeto, da forma animada.

A escolha das modalidades expressivas e dos diferentes tipos de bonecos que seleciona para as suas performances exigem conhecimentos sobre a contribuição que cada um destes recursos pode oferecer para o tipo de dramaturgia e espaço de representação. A repetição de gestos em espaço comprimido, limitado; manipular bonecos de dimensões tão pequenas exige conhecimentos e treino. Aqui se apresentam outros desafios: estabelecer o pacto ficcional com o espectador, construir metáforas, transmitir emoções com o seu trabalho.

Estas são algumas particularidades e alguns aspectos que me estimulam a refletir sobre este Teatro. Vale repetir que, desde 1989, o Lambe-Lambe vem se consolidando como modalidade teatral assimilada no cotidiano de muitos profissionais do Teatro de Animação. Isso denota os importantes passos dados para o seu reconhecimento e para a sua consolidação.

A presença das Caixas nas praças, hall de teatros e outros diferentes espaços já sinaliza que haverá festa, encontro, conversas. Balardim (2009) afirma que “Ela [a Caixa] se apresenta como a fuga de um tempo que nos vitima com sua pressa, ofertando a possibilidade de um minúsculo tempo alegre - um tempo que se dilata e nos faz viver integralmente o presente.”

Acredito que o principal desafio hoje do Teatro Lambe-Lambe seja a formulação de sua poética. Esta é uma tarefa complexa que ainda requer reflexão e trabalho, mas o caminho para sua efetivação vem sendo bravamente percorrido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARRUDA, Kátia de. O menor espetáculo do mundo. In: BELTRAME, Valmor Níni (Org.). *Teatro de Bonecos: distintos olhares sobre teoria e prática*. Florianópolis: UDESC, 2008.
- BALARDIM, Paulo. *Microdramaturgias Urbanas - A cidade como leitura simbólica e espaço de interação*. In: <http://caixadoelefante.blogspot.com.br/2009/08/microdramaturgias-urbanas.html>
- BARROS, Manoel. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010.
- BELTRAME, Valmor e ARRUDA, Kátia de. Teatro Lambe-Lambe: o menor espetáculo do mundo. In:
http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume3/numero1/cenicas/katia_nini.pdf
- GORGATI, Roberto. O Teatro Lambe-Lambe e as narrativas da distância. In *Móin-Móin N.08 – Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas*. Jaraguá do Sul: SCAR/UDESC, 2011.
- LAGOS, Soledad. Teatro híbrido o teatro de la sabiduría? OANI Teatro, Viaje Inmóvil, Teatro Milagros y Teatro Ocación. In *Móin-Móin N.11 – Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas*. Jaraguá do Sul: SCAR/UDESC, 2013.
- PORRAS, Francisco. *Titelles – Teatro Popular*. Barcelona: Editora Nacional, 1981.

* Valmor Níni Beltrame – Diretor teatral, bonequeiro, doutor em teatro e professor de teatro de animação na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Edita a Móin-Móin – Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas.
E-mail: ninibel@terra.com.br

DRAMATURGIA EN LAMBE LAMBE

VALERIA CORREA ROJAS

CIA OANI DE TEATRO _ VALPARAÍSO / CHILE

Una de las formas más comunes para explicar qué es el Teatro Lambe Lambe, es hablar de un teatro en miniatura, con todos los elementos que conlleva un teatro “real”, pero en pequeñito.

Como primera reacción, al “entrar” como espectadores en un teatro Lambe Lambe, nuestros ojos, coartados de su libertad de horizonte, se lanzan hambrientos a observar todo lo que tenga a su alcance y, ya lo han dicho los teatristas, cada objeto es significante en un espacio escénico.

En pocos segundos, nuestra pupila ya se ha acostumbrado y nuestra visión a escala nos hace olvidar de “la miniatura”, viajamos entonces por un mundo con tamaño suficiente para llevarnos de la mano al lugar donde transcurra la historia.

Si sumamos a que pocas veces tenemos la oportunidad de evaluar la dramaturgia de un espectáculo Lambe Lambe a través de su texto, debemos acordar que la dramaturgia en esta técnica teatral, es la “dramaturgia de objetos en la escena”.

Sin importar el lenguaje técnico por el que haya optado el artista; los objetos, muñecos antropomorfos, figuras de papel, sombras, colores. Ni el espacio donde transcurre el espectáculo se debe sí o sí, contar una historia, si no, para que tanta molestia. Porque permítanme decirlo hacer teatro en miniatura requiere tanto trabajo como el más grande.

Para profundizar hay algunos elementos que me gustaría destacar, y que dentro del trabajo de la compañía OANI, hemos marcado como puntos claves en la creación de un espectáculo con estas características.

- 1) Conflicto/tensión
- 2) Sorpresa
- 3) Cambio / Transformación
- Y todo en poco minutos...
- 4) Simpleza / Rapidez

REVISTA ANIMA _ IV FESTIM _ 2015



DRAMATURGIA EN LAMBE LAMBE

VALERIA CORREA ROJAS

CIA OANI DE TEATRO _ VALPARAÍSO / CHILE

1) Conflicto/tensión: Hace unos meses la compañía OANI se dedicó por completo a una investigación de seis meses sobre las formas animadas. Una de las conclusiones de este laboratorio práctico fue que la tensión reflejada en puntos opuestos en una escena, ya sea a través de luces, color, peso de los objetos, sus movimientos, le da vida a los objetos. Esta vida convierte a su vez la Tensión de la escena en intensión de los personajes-objetos y les abre la posibilidad de desarrollar o superar el conflicto en el que viven. Esto nos exige entonces planificar la iluminación, el color, el material y la textura de nuestro espectáculo de modo que cada objeto y elemento escénico viva en una tensión /intensión desde el primer momento que entra en escena, presentando al espectador un conflicto interesante a desarrollar.

2) Sorpresa: La curiosidad del espectador debe ser satisfecha no solo con un espectáculo hermoso por su estética, también debemos ser astutos, cada pequeña historia se vuelve mágica cuando encierra una sorpresa a ser compartida. La sorpresa o secreto, puede ser de carácter técnico, un escenario que da vueltas y revela donde vive nuestro personaje, un cambio en las luces, un baúl que se abre, una tumba que libera un espíritu o una foto del ser amado. Un elemento que se comparte y que inesperadamente nos revela un secreto. Es el suspiro, la risa y alguna veces el grito del espectador y que hace que todos los que están en la fila, esperen con ansias su momento de entrar al teatro.

3) Cambio y transformación: Se ha dicho muchas veces que el teatro lambe Lambe concede un momento de transformación al espectador, que vuelven a ser niños, que es un momento en donde se conecta consigo mismo, que se olvidan de sus problemas y de lo que está sucediendo, que son capaces de poner en pausa la vida para entregarse por completo a la fantasía, asumiendo que todo eso es verdad ¿por qué le daríamos menos oportunidades de transformación a nuestros protagonistas? Planteamos un viaje de tres minutos en que si nuestros personajes logran vivir de verdad, no deberían terminar de igual manera que iniciaron. Algo debería ocurrir con ellos que los transforme ya sea internamente, o exterior, para que de esta forma sea un viaje que avance en y con verdad.

4) Simplicidad / Rapidez: Todas las claves mencionadas anteriormente nos pueden llevar a pensar en una historia muy elaborada. Puede ser, siempre y cuando no nos lleve más de cinco minutos. Piense querido artista que tiene una fila de personas esperando.

Este año, en la segunda edición del Festival Internacional de Teatro Lambe Lambe tuvimos la presencia de muchas historias diferentes, técnicas diversas, y estéticas; dentro de este grupo heterogéneo de espectáculos, me gustaría destacar dos, a raíz de su forma de abordar la dramaturgia ya que a mi parecer rompieron el esquema de historia lineal y que jugaron con la dramaturgia de forma simple pero logrando un resultado bastante elaborado.

En el primer caso: El espectáculo “Esto no es una caja” (Grupo Girino, Brasil) plantea un juego de forma visual y textual, exponiendo estímulos y creando una “no historia”, lo que obtiene como resultado es que desde el comienzo el pensamiento del espectador comience a jugar, corriendo como un cachorrito en busca del objeto lanzado y corriendo de vuelta, esperando por más, manteniéndose alerta, pero no solo receptivo sino también creativo, en paralelo a la historia que no estaba siendo contada.

Por otro lado “REM” (Compañía Paradon, Chile) nos plantea como el único protagonista provocándonos un viaje forzado hacia el inconsciente, y por supuesto con elementos simples nos empuja a través del agujero de Alicia para caer sentados en el sillón del salón rojo de David Lynch. ¿Parece imposible que todo esto pueda suceder en una pequeña caja en tan solo unos minutos? Nuestro cerebro es capaz de crear esto y mucho más, solo dependemos del estímulo que el artista nos entregue.

Afortunadamente, luego de largas conversaciones entre colegas lambelambistas, hemos llegado a la conclusión que El Teatro lambe Lambe es una técnica viva y en desarrollo, aún imposible de encasillar porque faltan muchas sorpresas por venir.

* Valeria Correa Rojas es titulada en 1995 Actriz en la Universidad de Artes y Ciencias Sociales ARCIS (Santiago de Chile). Ha desarrollado su carrera profesional en Chile, Brasil y Australia. Fundadora de la compañía OANI de teatro; se especializa en dramaturgia desde 2010 con diferentes maestros, actualmente se dedica a producir el Festival Internacional de Teatro Lambe Lambe y a escribir narraciones y dramaturgia.

DEL PEEP-SHOW, TITIRIMUNDI Y LINTERNAS MAGICAS A LOS LAMBE-LAMBE EN BRASIL Y LAS CAJAS MISTERIOSAS EN MEXICO

CÉSAR TAVERA
BAÚL TEATRO_ MONTERREY / MÉXICO

Peep-Show es un espacio cerrado o semicerrado que tiene una o varias mirillas donde a través de ellas se observa lo que se quiere mostrar. Puede usar lentes ópticos o espejos o bien carecer de ellos todo para crear una ilusión o dirigir el punto de vista, en su interior mostrar objetos, poder manipularlos si así se desea o bien títeres con el fin de contar una historia.

La historia de este dispositivo, mecanismo o técnica se remonta hasta el siglo XV por un experimento que realizó el pintor italiano Filipo Brunelleschi, al estudiar la perspectiva lineal de la imagen dando pie al punto de fuga. Leon Battista Alberti (1404-1472) contemporaneo de Brunelleschi tambien crea su propio dispositivo, el llamaba a esto “demostraciones”.

Aristoteles habría sido el primero en describir el concepto de la cámara oscura, “se hace pasar la luz a través de un pequeño agujero hecho en un cuarto cerrado por todos sus lados. En la pared opuesta al agujero, se formará la imagen de lo que se encuentre enfrente”.

El italiano Giovanni Battista De la Porta en 1558 publica su libro *Magia Naturalis* y con ello perfeccionó la cámara oscura al anteponer una lente convexa obteniendo mayor nitidez y luminosidad. Los grandes pintores de la época la usaron como un medio de copiar la naturaleza, tanto en sus colores como en sus dimensiones.

En el año de 1654 el jesuita alemán Athanasius Kircher publica una obra “*Ars Magna Lucis et Umbrae*” (La gran Ciencia de la luz y oscuridad) que da paso a que se construyera uno de los artíluguos más popular de esa época como fue la Linterna Mágica, basándose en la cámara oscura donde se proyectaba desde el exterior al interior de una caja o cámara, pensó en invertir el proceso o sea llevar las imágenes desde adentro hacia fuera.

Por esa época del siglo XVII la real academia Española definía el tutilimundi o mundo nuevo como “diversión popular consistente en un cajón con un orificio provisto de una lente; aplicando a ésta el ojo se veían en el interior vistas iluminadas o muñecos con movimiento”.



El tubo-mundi, 1986, E. Skill, 148 x 201 mm

Estaban en esos tiempos los llamados tipo gabinetes de curiosidades o Rare Show que fueron los precursores del teatro de juguete, era una caja o cajón que el manipulador llevaba sobre sus espaldas y que frente a un público ponía sobre una base, abría este gabinete y dentro estaban objetos con los cuales se ayudaba para contar una historia. Uno de los mas famoso Rare show fue en Inglaterra por los años de 1700, es el que trabajaba James "Jemmy" Laroche que había sido un niño actor y cantante, con apoyo de un violín cantaba y contaba la historia.

En Gran Bretaña a fines del siglo XVII y principios del siglo XVIII fue muy popular el invento del Zograscopio, dispositivo óptico que permite la sensación de percepción de profundidad de una imagen plana. Se comprobó después que si la imagen estaba dentro de una cabina con unos visores esto hacía mas vistosa la imagen y es así como se crean las cajas ópticas también empezando a usar el término de mundo nuevo. Y empieza la producción a gran escala.

A mediados del siglo XVIII y principios del siglo XIX se inicia la Revolución Industrial en Gran Bretaña después se extiende a Europa y Estados Unidos, y estos dispositivos diseñados para llevar diversión a la gente se fueron transformando y la tecnología de la época influyó en su avance.

DEL PEEP-SHOW, TITIRIMUNDI Y LINTERNAS MAGICAS A LOS LAMBE-LAMBE EN BRASIL Y LAS CAJAS MISTERIOSAS EN MEXICO

**CÉSAR TAVERA
BAÚL TEATRO_ MONTERREY / MÉXICO**

Se dieron los pasos de que las personas quisieran conocer otras tierras y una de las formas de presentar los mundos lejanos fue el Cosmorama que proviene de los vocablos griegos: mundo, universo y vista, o sea la representación de paisajes, monumentos, edificios, poblaciones, etc. en cuadros vistos a través de un vidrio óptico, con una rigurosidad en la perspectiva, la iluminación de la pintura para que la realidad se hiciera más patente aunque fueran al oleo o acuarelas. Se dice que fue inventada en París en 1808 por el abad Gazzera y que existió en forma establecida en la ciudad por 25 años.

Los Panoramas fueron exhibidos primeramente en 1792 por un irlandés llamado Robert Barker, el exhibía dentro de un local una vista de la ciudad de Edimburgo pintada en papel sobre un círculo de ocho metros de diámetro, era iluminada desde el techo.

En París Louis Daguerre y Charles M. Bouton en 1822 inventaron lo que llamaron Diorama que consiste en un telón pintado en ambas caras e iluminado por delante primero y por detrás después de tal forma que en un primer momento se ve solo la imagen pintada por delante y con el cambio de iluminación se ve una “nueva imagen”, con el Diorama se pudo acceder también a otros públicos mediante las cajas ópticas, ya que las pinturas fueron realizadas en vidrio y al proyectarles dentro de una caja y al abrir una especie de tapa superior permitía la entrada de luz que jugaba con las imágenes y su cambio temporal a través de la luz.

Los tutlimundis eran populares en España así lo refiere el escritor, jurista y político Gaspar Melchor de Jovellanos en 1790 cuando da a conocer su “Memoria para el arreglo de la policía de los espectáculos y diversiones públicas y su origen en España”

El célebre pintor español Francisco de Goya era un experto en la cámara oscura, él tiene dos dibujos sobre el tema del tutlimundi que era muy popular en su época entre los años de 1817, uno de los dibujos que pertenecen a su álbum C y se titula “Tuti li mundi” ya que en este siglo XIX en las ferias y plazas de los pueblos de España se podían encontrar muchas de esas cajas que eran de tamaño grande, con techos de madera y eran tiradas por caballos o burros.

Y asi como pasó con la Linterna Mágica y las Fanasmagorías tambien el periplo de estas cajas llegan a América, en México recogemos la nota de el libro Los Mexicanos pintados por si mismos de 1854 donde en su pagina 110 nos dice: "... lo mismo que siguen los chicos de la escuela al dueño de un totilimundi con cilindro..." y en La Habana Cuba se edito Los Cubanos pintados por si mismos donde la portada es un grabado de un tutilimundi y personajes viendo a traves de la mirilla de la caja.

Mientras tanto en Gran Bretaña trabajó un showman con su Raree Show al que llamaban Sargento Bell, fue muy famoso en 1839 se publica un libro llamado El sargento Bell y su raree show por G. Mogridge que es un libro de las hisotrias que contaba este personaje.

Y llegamos a otro momento crucial en la historia de los peep-show que fue el descubrimiento de la fotografía y para el año 1840 la fotografía da un nuevo paso que fueron las vistas esteroscopicas esto es que al reunir casi dos imágenes con escasa diferencia y angulo, se reproduce la disposición del ser humano y se crea una ilusión de tercera dimensión a partir de imagenes de dos dimensiones, se crea en el cerebro una percepción de profundidad, Sir Charles Wheatstone, acuña el termino de Estereoscopia y hace la masificación de aparatos para poder ver estas imágenes.

Tomas Alva Edison inventor norteamericano encargó a uno de sus colaboradores William Kenedy-Laurie Dickson el diseño de un aparato que pudiera tener imágenes animadas y así se inventó el Kinetosopio en 1891 que era un cajón de madera donde al interior una larga pelicula de una serie de fotografias es arrastrada para que el espectador por un visor vea la sucesión de imágenes iluminadas por una pequeña lámpara. Dickson asociado con Herman Casler diseñan en 1895 el Mutoscopio donde el espectador podría asomarse por un visor a apreciar una serie de fotografías captadas sucesivamente y fijadas a un eje central movido por una manivela, gracias a la lente de aumento daba una impresión de realidad y se podía observar escenas de aproximadamente un minuto.

En los años de 1935 William Gurber, de Portland fabricó un dispositivo que le llamó View Master, es una visor donde mediante un disco que gira con 14 fotografías, donde realmente se ven solo 7 imágenes ya que 2 imágenes son vistas simultaneamente.

DEL PEEP-SHOW, TITIRIMUNDI Y LINTERNAS MAGICAS A LOS LAMBE-LAMBE EN BRASIL Y LAS CAJAS MISTERIOSAS EN MEXICO

CÉSAR TAVERA

BAÚL TEATRO_ MONTERREY / MÉXICO

En este recorrido llegamos a Brasil donde se tenía la costumbre todavía en los albores del siglo XX tomarse una imagen con los fotógrafos callejeros que llevando una cámara de cajón antigua colocada en un trípode sacaban fotos la imagen quedaba fija en una placa de vidrio gracias a una solución ácida de hiposulfito de sodio produciendo la formación de tiosulfatos con un sabor amargo que se eliminan con agua lavando la fotografía si no se lavan se seguirá reaccionando y se vería seriamente comprometida. Por lo tanto los fotógrafos callejeros en Brasil para asegurarse que la reacción química había terminado y la fotografía estaba lista utilizaban su lengua para evaluar la calidad de la fijación y del lavado, así empezó a usarse el término de fotógrafos Lame-lame o Lambé-lambé.

Contamos lo anterior para encontrarnos una nueva vertiente de peep-shows que se da en los años de 1989, la investigadora Susanita Freire nos comenta “todo comenzó cuando unas actrices, educadoras y titiriteras brasileñas Ismine Lima y Denise do Santos trabajaban juntas en varios proyectos y Denise estaba animando un pedazo de espuma con gestos y gemidos como el momento femenino del parto. Ismine, muy sensible, comenta con su amiga: Pero esto es un momento muy íntimo, debe ser mostrado para el público con intimidad y delicadeza.

Buscando como mostrar un momento tan especial, se encuentran en el taller de trabajo con una caja fotográfica de madera, que fue adaptada para la animación del títere para un espectador cada vez. Ismine y Denise son las creadoras de esta modalidad de teatro y después de 25 años son reconocidas no solo en Brasil, también en toda América y Europa”. Así empezó su primer espectáculo de teatro Lambé-Lambé. Pronto fueron otros grupos en Brasil los que adaptaron este tipo de representaciones y volvieron popular el Lambé Lambé, y trascendió la idea más allá de sus creadoras.

César Tavera y Elvia Mante de Baúl Teatro de México en el festival de títeres de Charleville Mezieres en los años de 1994 y en el 2000 pudieron apreciar uno de los peep-show en el festival de Rué. Retornan a su ciudad Monterrey y en el año 2001 César Tavera desarrolla su espectáculo, lo bautiza como Caja Misteriosa y así en julio del 2001 estrena su primera caja con dos historias diferentes.

En julio del 2002 este trabajo fue invitado al Puppetbuskerfestival organizado por el Europees Cetrum figuerenteatrum de Gante, Bélgica y para tal ocasión se estrenó el espectáculo llamado La Paloma donde se hace referencia a los sucesos del 11 de septiembre del 2001 y a lo inminente de la guerra que se avecinaba. Fue impactante por la cercanía del suceso y obtuvo invitaciones a otros festivales como, Canadá y en el Festival de Charleville en el año 2003 y en el año 2006.

Baúl Teatro organiza anualmente desde 1993 un Festibaul y desde las ediciones del 2002 presentaba para el público y para los compañeros titiriteros la Caja Misteriosa para compartir la experiencia y animarlos a que constuyeran su propia caja. Es así como se empieza a replicar en México este dispositivo. Y se organizó la primera y Segunda Muestra Nacional que se celebró en julio del 2005 y 2006 en la ciudad de Monterrey, donde participaron Juan José Vargas de Tamulipas, Ars Vita de Hidalgo, Arminda Vazquez, Santiago y Sergio Peregrina del grupo Dragón Rojo, El Tenderete de Chihuahua, Antonio Ríos y Angelica Coronado del grupo Crearti de Nuevo León, Lorenzo Portillo y David Aaron Estrada de Merequetengue de Xalapa, Veracruz, Alfredo Villarreal de Nuevo Laredo Tamaulipas, Franco Vega de La Cartelera de Queretaro, Ihonatan Ruiz y Jakeline Franco de Tlakuache de Jalisco, Artimañas de Morelos, Guillermo Azanza, Baúl Teatro. En el 2015 se realizará la 3º Muestra de Cajas Misteriosas en Monterrey

En Mexico DF en el 2005 se crea un proyecto llamado teatroskopio de Banqueta con el mismo concepto. En el 2006 en Zacatecas, Gabriela Rosas realiza su propia caja. En el 2011 Sandra Delgado de Monini Títeres de SLP empieza sus cajas . En la ciudad de Durango el colectivo Cuerda Floja formado por Ana Laura Herrera y Angel Soto Favela en el 2008 empezaron a construir su primera caja. Han ofrecido talleres en Durango, Tlaxcala y el Cairo. En el 2013 y 2014 organizaron sus Encuentros de Cajas Misteriosas.

El maestro titiritero Colombiano Ciro Gómez despues de estar presente en la primera Muestra de Cajas Misteriosas de Monterrey decide llevarse la idea a Colombia y en el 2006 organiza las Jornadas de Títeres de Bogotá donde instruye a titiriteros colombianos a construir Cajas Misteriosas, actualmente son muchos los titiriteros que usan esta herramienta y se organizó en el 2014 la primera muestra de cajas misteriosas en Colombia.

DEL PEEP-SHOW, TITIRIMUNDI Y LINTERNAS MAGICAS A LOS LAMBE-LAMBE EN BRASIL Y LAS CAJAS MISTERIOSAS EN MEXICO

**CÉSAR TAVERA
BAÚL TEATRO_ MONTERREY / MÉXICO**

En el año 2007 la Compañía de títeres chilena OANI toma la decisión de construir su propio lambé lambé y son los precursores de divulgar esta técnica en su país, han organizado dos festivales en Valparaíso, Chile. En Argentina en el año 2006 la compañía Slurp que hacia un trabajo en pequeño, en el 2011 en el festival Invasion de Títeres de Mendoza se dictan pláticas y cursos por parte del brasileño Luciano Bugmann y se crean más de 10 cajas, entre los que siguen trabajando y difundiendo la técnica esta Gabriela Cespedes y la compañía que se formó en ese entonces Teatro Lambé Lambé de Mendoza. Existen muchos más titiriteros que trabajan esa técnica.

En Brasil desde su creación en la ciudad de Bahia, han existido encuentros de Caixeiros en Joinville (2007 y 2008), Jaraguá do Sul (2010), Florianópolis (2010) y ahora el FESTIM – Festival de Teatro en Miniatura, organizado por Grupo Girino de Belo horizonte, Minas Gerais que va en su cuarta edición. Este Grupo Girino realiza su revista Anima en donde hicieron un interesante mapeamiento do teatro en miniatura 2014 cuyo link es el siguiente:
http://issuu.com/grupogirino/docs/revista_anima_3ed

Conclusión

No importa si se les llama Peep show, tutilimundi, titirimundi, optiques, Cajas Óptica, Lambé Lambé, Cajas Misteriosas, lo importante es la historia. Pueden ser todo y nada, mucho o poco. Simples o complicadas. Arcaicas o tecnologicamente preparadas. Lo importante es que tengamos algo que contar, que nuestra curiosidad este a flor de piel y podamos compartirla. Y que cada uno de los creadores despliegue su creatividad sin límites, conociendo la historia, tomando de aquí y de allá para poder dejar algo en el camino que otros recogerán. Ya que estos dispositivos sin importar como los llamemos. Son el universo.

REVISTA ANIMA _ IV FESTIM _ 2015

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS:

- BALZER, R., Peepshow. A Visual History, Harry N. Abrams, New York, 1998.
- CORDOVA, CARLOS A., Arquelogía de la imagen, México en las vistas este- reoscópicas, catalogo de Museo de Historia Mexicana Monterrey, México 2000
- JURKOWSKY, HENRYK. Consideraciones sobre el Teatro de Títeres, Editado por Concha de la Casa, Bilbao España 1990
- FRUTOS ESTEBAN, FRANCISCO JAVIER. Artilugios para Fascinar, colección Basilio Martín Patino. Ayuntamiento de Salamanca, España 1999
- GÓMEZ ACEVEDO, CIRO. Jornadas de Títeres en Bogotá. Colombia 2006
- COLECCION QUIM COROMINAS. Tesoros de papel: Libros, juegos y juguetes de papel. Fundación Caixa Galicia. 2009
- VAREY, J.E. Títeres, marionetas y otras diversiones populares de 1758 a 1859, Instituto de Estudios Madrileños, España 1959
- VARIOS AUTORES- los mexicanos pintados por si mismos, tipos y costumbres Nacionales. Edición de M.Murgía. 1854
- VARIOS AUTORES. Los Cubanos pintados por si mismos. Imprenta y Papelería de Barcina. Cuba 1852
- FERNANDEZ, LUIS MIGUEL. Tecnología , espectáculo, literatura: dispositivos ópticos en las letras españolas de los siglos XVIII y XIX. Universidad de Santiago de Compostela, 2006
- DOMINGUEZ, RAMON JOAQUIN. Diccionario de la lengua española 1848-1849.
- NEIRA DE MOSQUEIRA, ANTONIO. diario El Recreo Compostelano No 15 de 1842
- CUVARDIC GARCIA, DORDE. Los Espectáculos Ópticos de la cultura popular Salvadoreña: El tutilimundi en el artículo costumbrista El Panorama de Arturo Ambrogi. Revista Ka`nina de la Universidad de Costa Rica
- Entrevistas directas con los creadores.
- Páginas de internet
- Leon Battista Alberti: Master Builder of the Italian Renaissance By Anthony Grafton, Harvard University Press, 2002 - 417 pages
- http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=3061123&partId=1&people=16514&peoA=16514-1-7&page=1
- JAMES JEMMY LAROHE CANCION DE LAS RARE SHOW DE 1713
- Rodríguez. José Antonio. Espectáculos precinematógrafos en México
Sergeant Bell, and his raree-show [by G. Mogridge]. By George Mogridge, Bell (sergeant.)
- LAMBE LAMBE:
<http://glocalnet.jimdo.com/grupo-8/de-brasil/or%C3%ADgenes/>
MUNDO GLOCAL REVISTA INTERUNIVERSITARIA
http://machinesdufantasmagore.over-blog.com/pages/le_precinema_a_toulou_se_au_xixe_siecle-8399676.html
<http://www.nationalgallery.org.uk/artists/samuel-van-hoogstraten>

TEATROS DE PAPEL EN ESPAÑA

LUCÍA CONTRERAS _ VALÊNCIA / ESPANHA

INTRODUCCIÓN

Si tuviéramos que escribir una Historia de la representación de relatos para niños, probablemente deberíamos empezar presuponiendo momentos de fascinación y misterio provocados por las sombras del fuego de los hombres de las cavernas. Pero aunque sólo se conservan huellas de aquellas primeras manos, quizá el origen más remoto de las representaciones para niños sí se halle en el teatro de sombras, técnica de las antiguas culturas en Egipto, Grecia, Roma y sobre todo en Asia, donde incluso hoy en día se siguen ofreciendo representaciones muy valoradas también por el público adulto de Tailandia, Japón, India y China, que consiguió que el teatro de sombras pasara a conocerse popularmente como teatro de “Sombras Chinas”.

En cualquier caso, y para ser rigurosos con la Historia, la primera prueba material que atestigua la costumbre de representaciones (con o sin caja escénica) para niños la proporcionan los “títeres” conservados desde la Edad Media. Cómo lo demuestra la escuela de Praga hoy en día, el arte de las marionetas ha perdurado a través de los siglos alcanzando niveles altísimos de calidad y sofisticación.

Tenemos que saltar varios cientos de años para encontrar las primeras huellas de algo parecido a una caja escénica de papel: en el siglo 18(XVIII) Martin Englebrecht inventa lo que un siglo más tarde se acuñará bajo el término “diorama”. Se trataba de un modelo tridimensional de paisaje que mostraba eventos históricos (belenes y escenas bíblicas) con el fin de educar o entretenér.

ESPAÑA

En España hubo dos períodos reseñables en relación a los teatros de juguete. La característica común es que sucedieron en Barcelona y que como en otros casos centro europeos, los editores se dedicaban también al libro escolar. Hablamos de Paluzie y de Seix Barral. Y en justicia debemos también mencionar a Joan Llorens y Antoni Bosch que pese a no haber tenido la trascendencia de los anteriores fueron de los primeros impresores que introdujeron y editaron hojas para teatro de sombras en Cataluña (aunque copiaron al principio a los artistas franceses).



"TEATRO MODERNO" PALUZIE

El habilidoso aficionado que montó este teatrito, ideó guías y mecanismos para desplazar los personajes. El decorado es un paisaje montañoso.

Editor: Estampería Económica Paluzie. Imprenta Elzeviriana.

Época: 1920

Procedencia: Barcelona, España

Foto: Colección de Lucía Contreras

TEATROS DE PAPEL EN ESPAÑA

LUCÍA CONTRERAS _ VALÊNCIA / ESPANHA

Hacia 1865 Esteve Paluzie, prestigioso pedagogo y editor, no era ajeno a la corriente europea. Su negocio, la “Estampería económica Paluzie Imprenta Elzevirana”, se centraba en la edición de láminas de papel para recortar representando estampas populares con un marcado tinte catalán, pero poco a poco su producción tanto de embocaduras como de decorados y personajes de teatro fue creciendo hasta llegar a ser extensísima. Las similitudes en su producción con la ya entonces famosa “Imagerie Pellerin” de Epinal son tremendas y abarcan desde el sistema de numeración y almacenaje de las hojas y la ausencia de libretos hasta los sospechosos parecidos de sus decorados. Las comparaciones son odiosas pero basta un simple vistazo para poder asegurar que hay innumerables láminas de estos dos editores que son exactas. Inspiración o copia? Quién emulaba a quién? Basta con fijarse en las fechas para hallar la respuesta. En cualquier caso Paluzie, como puede verse en esta colección, es uno de nuestros favoritos.

INDUSTRIAS GRÁFICAS SEIX I BARRAL

Ya en el siglo XX la última revolución llegó de la mano de la editorial “Industrias gráficas Seix i Barral” que en 1915 y por méritos propios se adueñó del mercado de los teatros de juguete en España. Los “teatrins” catalanes empezaron a conocerse en nuestro país como “teatros de papel” y más tarde, gracias a Seix i Barral, el “Teatro de los Niños” (nombre con el que comercializaban sus productos) llegó a convertirse en un término popular. El primero de sus teatros, el Modelo B recortable, permanecía fiel en su forma a los modelos de origen centro-europeo. Sin embargo ese mismo año editaron el Modelo de lujo BB que venía en una caja con la embocadura y los telones ya troquelados y listos para montar.

El “Teatro de los Niños” es sin duda y con distancia el mejor de la “escuela moderna”. Estaban firmados por C.B Nualart que no era otro que Carlos Barral i Nualart, padre de los hermanos Barral, que cuidó los detalles y el diseño de forma exquisita. Los hermanos Barral fabricaron hasta 10 modelos de embocaduras o proscenios de teatro y pusieron a la venta numerosas obras clásicas que incluían libretos, personajes y fabulosos decorados. Se editaron 23 obras que podían ser utilizadas indistintamente en cualquiera de los teatros de la firma.



TEATRO DE LOS NIÑOS: MODELO M

Esta esplendorosa fachada con tres pares de columnas en relieve es una de las más lujosas del fabricante, que por supuesto también tenía en cuenta a las clases altas de la España de primeros de siglo.

Obra: Sancho Panza el Gobernador

Época: 1918

Procedencia: Barcelona

Foto: Colección de Lucía Contreras

TEATROS DE PAPEL EN ESPAÑA

LUCÍA CONTRERAS _ VALÊNCIA / ESPANHA

Su sistema de cajas y colgaduras permitía sumar varios telones en un mismo acto creando complejos y bellísimos efectos teatrales sin nada que envidiar a las mejores escenografías de cualquier teatro real. Idearon también un sistema de troqueles en los telones con zonas translúcidas de papel vegetal de colores que, debidamente iluminadas, producían mágicos efectos de ambiente y profundidad espacial nunca vistos hasta entonces.

La calidad de los decorados y teatros de “Seix Barral” (que protegieron bajo patentes) les proporcionaron el reconocimiento mundial, convirtiendo a la editorial en el referente artístico por excelencia en el ámbito de los teatros de juguete. Se llegaron a editar tiradas para el exigente mercado inglés que (pese a ser Inglaterra cuna de estos juguetes) quedó impresionado con el “Teatro de los Niños”. Además de su calidad, existía un abismo entre los melodramas que se seguían editando en Inglaterra desde la época victoriana del “Juvenile Drama” y los fantásticos escenarios de la editorial catalana que representaban desde salones Art Decó y fondos marinos hasta la cubierta de un acorazado.

En 1917 y con motivo de la “III Exposición de Juguetes” de la Agrupación de Fabricantes, el “Teatro de los Niños” de Seix i Barral fue premiado por el jurado como el juguete que reunía más cualidades artísticas. El “Teatro de los Niños” se siguió fabricando hasta 1953 y sigue siendo en la actualidad una pieza valiosa para coleccionistas de todo el mundo.

LA COLECCIÓN

La historia de mi colección comienza hace unos años cuando mi hermana Victoria accedió a que yo conservara un tesoro de nuestra familia que ella restauró con cariño y paciencia. Un juguete con el que tuvimos la suerte de vivir historias inventadas y escritas sabiendo que se trataba de algo muy especial, el Teatrito Seix Barral de nuestro padre, Damián, y de su hermana Marujeta (una mujer fuera de lo común). Un juguete con el que ellos vivieron una infancia bien distinta a la nuestra, la de la guerra civil. Supongo que, pese a estar en mis recuerdos de niña, el hecho de tenerlo en casa y admirarlo a diario fue haciendo crecer un interés que se convirtió en pasión: los Teatros de Papel, cajas de historias y fábulas, cajas de música y de luz, cajas de sueños y mundos se convirtieron para mí casi en una obsesión. Los busco y los encuentro. Me buscan y me encuentran.

Supongo que hemos establecido algo parecido a una relación muy íntima. Yo los recupero y los cuido y ellos me hacen soñar con un mundo, el que sucede tras las bambalinas, al que estuve muy ligada hace un tiempo, y que sigo añorando... Y casi sin darme cuenta, un buen día ordenando armarios me encontré con que tenía una cantidad enorme de teatritos. Sólo ahora, al describirla, me doy cuenta de que intento justificar esta locura. Quede pues de nuevo dicho que nunca fue consciente ni intencionada.

Escribir sobre lo que sé acerca de los teatros de papel me produce cierto pudor porque mis conocimientos son fruto únicamente de la curiosidad. En cualquier caso, no es mi intención apabullar con datos aunque, dada la importancia de estos juguetes durante más de dos siglos, fechas y nombres se hacen necesarios. No soy un experto. Soy una niña grande, sólo coleccióno y como dijo Oscar Wilde “Puedo resistirme a cualquier cosa excepto a la tentación”.



TEATRO DE LOS NIÑOS: MODELO CC

Este es el teatro de mi padre y su hermana (Damián y Maruja Contreras Ortíz), el origen de mi colección, mi pieza más preciada. La boca es grande y elegante y está fabricado en cartón con bajo-reieve clásico.

Obra: La estrella de los Reyes Magos.

Época: 1915

Procedencia: Barcelona.

Foto: Colección de Lucía Contreras

TEATROS DE PAPEL EN ESPAÑA

LUCÍA CONTRERAS _ VALÊNCIA / ESPANHA

Ojala entre todos pudiésemos recuperar para los niños (y esto es únicamente responsabilidad de los adultos) la costumbre, hoy casi denostada, del placer de la lectura y el juego con el texto, con las palabras; más allá de modas e imposiciones de la industria, ofrecerles la oportunidad de ser protagonistas activos del juego y no meros manipuladores de artilugios alienantes ideados con la sola finalidad de vender más o de propagar modas e ideas ingenieras por el poder, es decir por el dinero. Dormir un sueño profundo al pincharse con un huso, viajar en alfombras mágicas, besar a una rana y convertirla en un bello príncipe, que un lobo se trague de un bocado a tu abuela, reyes y mendigos, batallas históricas e injusticia social, viajes al centro de la tierra y máquinas imposibles, la literatura se alimenta de lo vivido y lo soñado y en el universo que nace entre las páginas de un libro es donde el Teatro de Papel adquiere todo el sentido que, para mi, lo convierte en el Juguete con mayúsculas.

Los teatros de papel fueron en un tiempo protagonistas de esa utopía: eran el libro con el que se juega, mezcla perfecta entre el recreo escolar y las lecciones, lo imaginado y lo impuesto. El escenario era un reflejo del mundo real por explorar, los decorados, el paisaje por el que moverse, las historias y los libretos, los conflictos de la vida y las palabras que aprender, las luces y la música añadidas, los únicos “efectos especiales” posibles, y finalmente los personajes, el cartoncito a través del cual un niño se transformaba en príncipe, bandido, bruja, criatura o bosque y ejercitaba posibles conciencias de un habitar en el mundo real.

Me gusta imaginar que alguno de mis teatros perteneció a una familia de la Inglaterra victoriana o que alguno de los personajes que tengo fue coloreado o degollado por una niña vestida de terciopelo con un lazo enorme en la cabeza. En nuestro país, imagino a los niños viviendo la realidad de la pre-guerra, la guerra y la pos-guerra. Imagino su día a día en la calle opuesto al abrigo de un refugio fantástico con forma de teatro de papel. Imagino, entre otros, a mi padre. Esa es la magia de los objetos que han tenido otros dueños. Ese es el verdadero valor de mis teatros, la historia que cada uno de ellos trae consigo y acumula. Espero que todos aquellos que decidan pasar un rato curioseando por esta Web encuentren, como hice yo, al niño que llevan dentro. Pasen y vean, disfruten de mi colección de teatros y vuelvan de vez en cuando (porque mucho me temo que no dejará de crecer...).

Y ahora, que el silencio se imponga: se levanta el telón...



TEATRO DE LOS NIÑOS: Modelo BB

En 1915 sale a la venta el primer teatro de esta prestigiosa editorial, el Modelo B. Se editó al estilo tradicional con un cuaderno impreso para recortar. Ese mismo año la editorial comercializa esta embocadura, la primera de la serie que les proporcionaría fama y reconocimiento. Este es uno de los modelos más sencillos de la casa.

Obra: El mercader de Venecia

Época: 1915

Procedencia: Barcelona

Foto: Colección de Lucía Contreras

OLHAR PARA O LADO DE DENTRO

ROBERTO GORGATI

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC

Ter uma caixa pequena onde em seu interior se passam histórias, cria modos de deslocamento que podem muito bem, por analogia, se afinarem com a idéia de um ser itinerante que leva e traz narrativas, um ser mais ou menos errante. O itinerário refeito por outros andantes desemboca em encontros fortuitos de passos que vão sempre mais e mais avante. Na rotina da viagem, hotéis e pensões criam um universo de postos de repouso enquanto não se está operante. É de itinerários, encontros, e postos de repouso, que se trata o que vem adiante.

Antes de ditar seu testamento, Don Quixote disse a Sancho Pança:

“Perdoa-me, amigo, o haver dado ocasião de pareceres doido como eu, fazendo-te cair no erro, em que eu caí, de pensar que houve e há cavaleiros andantes no mundo.” (SAAVEDRA, 2002,p.676)

Na cidade em que moro, há a região do centro cheia de lojas, bares, restaurantes, ambulantes, etc. Quando começa a anoitecer, tudo se esvazia e as pessoas vão para o terminal de ônibus. Junto aos postes e portas ficam montes de papelão, caixas abertas, tubos, engradados, fitas, garrafas, baldes, armações de madeira e pedaços de móveis.

É nessa mesma hora que a noite começa a se abrir para a caminhada mais lenta de quem está apenas chegando. É como se começasse um outro turno na cidade e nas ruas. Reviram-se as latas de lixo, desfazem-se os montes de papelão, uns constroem casas provisórias, outros recolhem papéis. Mas como passar direto por esse que vejo construindo uma casa? Uma casa de papelão?

Aqui é que o passeio acaba. O passeio acaba quando mais de uma pessoa começa a pegar os papelões que serão as suas casas dessa noite. A minha idéia de passear pela cidade e recolher experiências ou imagens que possam conformar um certo espetáculo se foi. Eu estou procurando alguma caixa pequena que se adapte a ser um pequeno teatro. Um protótipo de papelão que terá algumas histórias pelo lado de dentro.

Imagino que em outras cidades essa cena possa ser possível. Encontro uma caixa pequena e em posse da recém descartada por alguma loja, penso que poderia colocar histórias dentro. Mas diariamente, casas provisórias são feitas de caixas como uma casa mínima que é mais do que um esboço de casa ou de quarto. Ando, já meio sem graça, com aquela caixinha em mãos. Toda a itinerância termina com um mero olhar que nos detém. Seja o nosso ou o cruzar com o de alguém.

Quem é o cavaleiro aqui? Seria bastante aceitável me identificar com o cavaleiro que viaja com uma caixa de histórias. Me identificar com aquele que leva mundos ao mundo. Minha idéia foi pilhada, cortada por um tipo de espada muito bem afiada. Tive que olhar com cuidado o ataque lento que quase cortava a minha cabeça. O ataque das portas imprevistas, dos telhados e das paredes retalhadas.

“E, dizendo e fazendo, desembainhou a espada, num momento se aproximou do retábulo e, com acelerada e nunca vista fúria, começou a descarregar cutiladas sobre a mourisma titereira, derribando um, descabeçando outros, estropiando este, destroçando aquele e, entre muitas outras, atirou um altibaixo, que, se Mestre Pedro se não encolhe e acachapa, cerceava-lhe a cabeça, com mais facilidade do que se fosse de maçapão.”
(SAAVEDRA, 2002,p.469)

Daqui, do meu posto, não me vejo cavaleiro e nem posso considerar ninguém como tal. Mesmo porque minha cabeça rola a cada vez que um papelão fica de pé e vira parede, ou se enrola em outro que é coberta, faz esquina com um plástico que é chão e se acomoda a um corpo por dormir. Que seria minha caminhada, minha pequena caixa diante daquelas casas que eram montadas encostadas em portas e marquises tomando um pouco da calçada?

Um golpe à distância fez com que a caixa que eu carregava fosse invadida por todos que se aprumavam para a longa noitada. Nesse sentido, de uma noite longa, o dentro a que eu aspirava já não era nada perto daquela habitação que se armava de caixas remontadas.

OLHAR PARA O LADO DE DENTRO

ROBERTO GORGATI

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC

"Detenha-se Vossa Mercê, Senhor Dom Quixote, e advirta que esses que derriba, destroça e mata, não são verdadeiros mouros mas uns bonequinhos de massa. Olha, infeliz de mim, que me destrói e deita a perder todas as minhas posses." (SAAVEDRA, 2002,p.469)

Então não são apenas caixas que se amontoam. Estas devem ser desafiadas, desmontadas e postas à prova pelo olhar de Dom Quixote que não vê senão aquilo que não está ali. Aquilo que não está vive no golpe de vista e no gesto da espada.

Parece impossível continuar com essa caixa na mão. Estava por aqui a procurar um lugar vazio onde pudesse criar a parte de dentro, criar o lado de dentro. Estava a meio caminho de realizar o projeto de viagem.

Mas o lado de dentro não estava de modo algum espaçoso, já havia alguém ocupando, desde o início, o vão por meus olhos vazios, com um outro plano de habitar. Mas nos olhos de outro, nas mãos de outro, um outro menos ocioso, deixei aquela parte desmontada que carregava. Era posta a última parte da casa. "Ai!- respondeu Sancho Pança chorando.- Não morra Vossa Mercê, senhor meu amo, mas tome meu conselho e viva muitos anos, porque a maior loucura que pode fazer um homem nessa vida é deixar-se morrer sem mais nem menos, sem ninguém nos matar..." (SAAVEDRA, 2002,p.676)

Costurar o interior por dentro, sabendo estar pouco protegido dos ares e banhos de relento é o modo como se refaz ruas, antes, em tão concorrido movimento. Vossa Mercê, ainda que fique com os ares de passear por meu reino, merece mais uma lição que só se colhe nos dias festivos de um todo opulento. Tome por sua minha casa e darás a forma justa do que eu e tu carregamos dentro.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. Dom Quixote de La Mancha. Trad. Visconde de Castilho e Azevedo. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

DENTRO DA MINHA MALA¹

DÉBORA MAZUCHI

ALDEIA TEATRO DE BONECOS _ BELO HORIZONTE / MG

Falar sobre Teatro de Bonecos é falar sobre minha vida. Desde que me entendo por gente já me vejo agarrada a Bonecas, dando vida a sabugos de milho e contando histórias de caixinhas de papelão ...

Na adolescência não foi diferente. Ao buscar um curso de teatro, fui parar em uma escola onde o diretor era um Bonequeiro, apaixonado pela Arte que eu estava prestes a (re)descobrir.

A partir daí o destino amarrou minhas mãos e saí pelo mundo a fora emaranhada na poesia dos bonecos, trecos e objetos que encontrava em meu caminho. Viajei muito, conheci diversas culturas e fui aprendendo e me apaixonando cada vez mais por essa arte milenar que a tudo transforma: o pano vira pássaro, as mãos são flores...

E o mais mágico: a transformação de quemvê. Já viu adulto vendo Teatro de Bonecos? Perde a vergonha, vira criança! Sempre adorei fazer intervenções em espaços alternativos, onde as pessoas não tem a mínima idéia do que vai acontecer. É maravilhoso ver os grandões deixando cair lentamente suas máscaras, a rir e se emocionar com aquele serzinho de madeira saltitante, com um doce pedacinho de espuma..

No entanto, uma vez pensei em largar tudo! Guardei a Mala debaixo da cama e resolvi seguir outros rumos. Mas, felizmente, a mala pulava tanto, eram tantas “vozinhas” me chamando, que não tive outro jeito: tirei a danada debaixo da cama e definitivamente abri-a para o mundo!

Teatro de Bonecos é um vício, minha gente! Já viu bonequeiro em mesa de Bar? Distraidamente pega um canudinho aqui, um guardanapo acolá. Torce, mexe e quando menos esperamos, surge do nada uma figurinha engraçada: corpo de papel , perna de canudinho e alegria na alma.

É... não teve mesmo jeito. Hoje minha mala tem mais histórias pra contar. Depois de 15 anos manipulando Bonecos, tenho um bonequinho de 1 ano de idade , o João (que me manipula que é uma beleza!). Agora, é só esperar que ele cresça bem devagarinho e que noite chuvosa dessas, a luz se acabe, para podermos brincar juntos, de sombras na parede.

¹ Publicado originalmente no Jornal Hoje em Dia em 2005.

'GRITOS E SUSSUROS' NO TEATRO LAMBE-LAMBE

ISMINE LIMA _ SALVADOR / BA

O status adquirido pelo Teatro Lambe-Lambe nos seus 25 anos é deveras grandioso, no que se refere à quantidade de grupos constituídos que trabalham como lambe-lambeiros, na qualidade dos espetáculos, isto sem falar nos festivais, mostras, oficinas, enfim, tudo o que uma lauda não daria conta. Exigiria um estudo planejado, uma investigação do que ocorre com as tantas faces desta nova forma teatral.

O que me apraz falar nesta ocasião como observadora que acompanha com frequência o que ocorre nas redes sociais, nos encontros que tenho participado, é confirmar que circula uma escola democrática do fazer teatral do lambe-lambe, assumindo um encaminhamento que vem dando certo. Quem se apropriou deste conhecimento até agora tem honrado os princípios dos nossos manifestos, como As cidades precisam de Teatro Lambe Lambe; Rumo a feira de Mangaio, todos falando da urgência da arte nas feiras, nas ruas, nas vidas, no nosso cotidiano.

Do que decorreu com o Teatro Lambe-Lambe, da sua origem, das perguntas que foram levantadas e por nós não respondidas, a principal foi: Porque se constituir um teatro aprisionado numa caixa? Porque o teatro para uma pessoa? Sabíamos que tínhamos feito o Lambe-Lambe, para abrigar a Dança do Parto e foi tanto o sucesso dos Gritos e Sussurros, na caixa que de um dia para o outro, fizemos o Império dos Sentidos.

O que afirmou que um segredo tinha se revelado ali, algo novo nasceu, isto era uma certeza, uma faixa foi feita, com os dizeres: ASSISTA A DANÇA DO PARTO, ESPETÁCULO DE LAMBE-LAMBE, para isto foi produzido um postal que marca a data do evento e matérias em quatro jornais presentes na feira, enfocando o teatro Lambe-Lambe como a grande atração do evento.

Nascia, então, o teatro Lambe-Lambe numa feira do interior baiano, num evento da Associação de Teatro de Bonecos da Bahia, promovido pela Secretaria de Turismo do Estado. Os nossos bonecos sempre foram convidados para o evento, mas neste evento, fomos avisadas de que não haveria verbas para os bonecos, sendo oferecido apenas um espaço para os bonequeiros, restando a alternativa de que o artista que quisesse participar, teria de custear essa participação.

E assim, diante do compromisso e da necessidade com a arte que nos alimenta e através da qual nos expressamos, decidimos ir à feira, como tradicionalmente fazíamos: “Vamos, são dez dias” - dissemos nós -como a caixa era uma ideia fixa, a oportunidade surgiu para experimentarmos, deu certo e está dando até hoje. Esta apresentação do gênero do Lambe-Lambe ocorreu em setembro de 1989 e, posteriormente, em alguns eventos em Salvador, mas os aplausos que nos consagraram vieram no Festival de 1990, em Friburgo, da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos. Estavam presentes os, como costumamos dizer, “bam, bam, bans” do Teatro de Bonecos no Brasil, nomes como o de Magda Modesto, Álvaro Apocalipse, Ana Maria Amaral, Nini Beltrame, Antonio Sena, Manoel Kobachuck, Susanita Freire, Julia Guedes, entre outros. Todos assistiram e aplaudiram o trabalho; que Ana Maria Amaral, se referiu ao Lambe-Lambe como “uma cortina de luz natural” e Álvaro Apocalipse, corajosamente, o elogiou, mas Magda Modesto foi categórica: “ Vocês criaram uma nova forma de teatro de animação, e o seu maior mérito é abrigar algo que não pode ser devassado”.

Ou seja, com seu olhar de bonequeira consagrada pelos longos anos de trabalho dedicados aos bonecos, ela entendeu os Gritos e Sussurros da Dança do Parto e do Império dos Sentidos, como algo que devia ser preservado em sua intimidade, dando origem à Caixa. A consagrada bonequeira respondia, portanto à pergunta inicial: Para que um teatro aprisionado?

Os nomes citados são os testemunhos dos aplausos e do reconhecimento no metiér do Teatro de Bonecos e, na verdade, não sei se não tivéssemos conseguido esta credencial da intelectualidade do Teatro de Bonecos no Brasil, se haveria tantos seguidores do Teatro Lambe-Lambe. O fato é que, ainda como observadora do que ocorre no mundo do teatro de animação, me atreveria a dizer que depois do teatro Lambe-Lambe, surgiu um movimento de caixas e de um teatro pequeno, por assim dizer.

Alguns não são assim denominadas, como Lambe-Lambe, mas Magda Modesto , enquanto viveu, era uma guardiã do teatro Lambe-Lambe e como frequentava todos os festivais, onde quer que visse algo similar, dizia: Isto é Teatro Lambe-Lambe, as criadoras são Denise Di Santos e Ismine Lima, lá da Bahia.

Saravá! meu pai! Saravá! Magda Modesto! Saravá! Alvaro Apocalypso!

REMÉDIO TARJA BRANCA

HÉLIO LEITES _ CURITIBA / PR

Alipiando aqui e ali, dentro dos rigores que o Onzimo Mandamento¹ se nos apresenta, não posso mais destelhar o que desteliado está, e o restaurador de sonhos é evocado pra cumprir sua função, pois é com ele que a gente consegue a tinta branca, e sai pela vida branqueando a tarja. O pincel não é coletivo, cada um tem o seu, ele é que deixa as marcas digitais de nossa façanha pessoal.

Quem tarja sua tarja de branco já descobriu que o bicho pega valendo quando se coloca pra dentro da 'vasilha' o que não somos nós. Tarja Branca é o remédio do futuro. No futuro o remédio não vai entrar pela boca, vai entrar pela orelha, é a palavra vestida de histórias, curando aqueles que não se acreditam doentes. A humanidade está doente! Dentro do vidrinho de conta gotas um santo remédio, double face, feito de palito, de um lado São Francisco, do outro Santo Antonio, e quando juntam-se os dois nasce o Santo Remédio, é a tal da Medicina Psico Lúdica , aquela que cura brincando. Pra curar doenças de cabeça, nada de remédio de farmácia. Tem que ser remédio 'cabeça'. O remédio tarja branca dispensa receita Pra comprar, Pra vender e Pra tomar. A única contra indicação é que não pode ser usado como supositório, pois o cabelinho do Santo é feito de serragem. Aí, o paciente dá uma gargalhada e esquece da doença.

Cada Santo Remédio vai com um fiozinho do meu cabelo branco, é a assinatura da obra. Voces estão diante de um artesão que está envolvido com o seu trabalho até a raiz do seu cabelo, e ninguém pode falsificar, pois ele trás informações de DNA, Genoma , Bio-chip e etc. Dos males crônicos, o que estraga o nosso mundo é a falsificação, principalmente a de carácter, sempre negociada pela moeda da circunstância, e estamos tão evoluídos nessa área, que chegamos ao cúmulo de falsificar o falsificado. Quando falsificam roupas, acessórios, discos, combustíveis, etc., coisas que utilizamos pelo lado de fora de nosso corpo, o prejuízo é debitado na conta de nossa ignorância cultural. A vida cobra caro é quando falsificam o que vai por dentro de nosso corpo, como leite, remédio, bebidas e alimentos, e etc.

O segredo da doença é esquecer dela. Se ficarmos dando comprimidinhos diários pra nossa doença, ela não vai embora nunca, nós estamos cevando a dita. Esquecendo da doença a dor passa, é a lição de Saint Germann iluminando nossa tarja.

¹ "Suportai-vos uns aos outros" (Profeta Adelia)

REVISTA ANIMA _ IV FESTIM _ 2015



FILHOS DO VENTO: Uma experiência de circulação com Teatro Lambe-lambe

LAÉRCIO AMARAL

CIA ANDANTE PRODUÇÕES ARTÍSTICAS _ ITAJAÍ / SC

Somos ciganos.

Montamos nossa tenda nas praças e parques das cidades por onde passamos. Dentro de nossos pequenos baús estão guardados segredos, mistérios, aventuras, tesouros que vamos recolhendo em nossas andanças pelo mundo.

Sabemos que as pessoas têm medo e curiosidade. Aproximam-se receosas, tímidas, expectantes. Nossa experiência nos mostra que a curiosidade é, na maior parte das vezes, superior ao medo. E há também os empolgados, aqueles que, por se sentirem “diferentes”, sonham em serem roubados pelos ciganos para fazer parte de sua caravana, seguindo para além de um mundo sem fronteiras.

É na rua – espaço democrático por excelência – que cumprimos nossa sina. Vamos retirando nossas tralhas e apetrechos do vardo¹ e montando nosso aparato de trabalho enquanto a roda do público vai se formando. Olhares atentos, cochichos, pequenos risos. Os mais corajosos se aventuram em perguntar o que faremos. Brincamos com o público, atiçamos ainda mais sua curiosidade.

“Circo” montado, fazemos uma grande abertura, exaltando nossa chegada e convidando todos a se aproximarem. O espetáculo já começou! Nos apresentamos e apresentamos nossas caixas misteriosas. Quem vai querer ver o que existe lá dentro? As filas se formam rapidamente.

Em cada apresentação, uma reação. A cada reação, cresce um pouco mais a expectativa dos que esperam. Emoções as mais variadas: olhos que brilham, sorrisos tímidos, lágrimas furtivas, gargalhadas. Agradecimentos, elogios, espanto: ninguém fica indiferente! Enquanto isso, a fila cada vez mais ansiosa e atenta.

Encerrada a função, o público se dispersa, ficam os apaixonados. Apaixonados pela vida, pela arte, pelo inusitado, por tudo aquilo que desencarcera o espírito. Enquanto desmontamos, vamos trocando ideias, mostrando as caixas, a iluminação, o cenário, os personagens, as trucagens, o detalhamento deste teatro em miniatura. Mais encantamento!

¹ Carroça dos Ciganos



Foto: Divulgação

Os ciganos guardam tudo no seu vardo, se despedem e partem rumo a novas paragens, deixando na memória dos circundantes a magia daquele momento. Vai baixando a poeira da estrada. Pausa. A Cia Andante realizou uma circulação de Teatro Lambe-lambe pelos três Estados do Sul do País, percorrendo dezoito cidades: Pato Branco, Francisco Beltrão, Salto do Lontra, Medianeira, Loanda e Campo Mourão, no Paraná. Nonoai, Palmeira das Missões, Cerro Largo, Santa Rosa, São Borja e Itaqui, no Rio Grande do Sul. Palmitos, São Domingos, Xanxerê, São Miguel do Oeste, Concórdia e Dionísio Cerqueira, em Santa Catarina.

O projeto “Filhos do Vento” foi contemplado pelo Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz/2013 e buscou privilegiar pequenas cidades do interior dos três Estados, municípios fora da rota costumeira das produções teatrais.

Nossa estrutura, formada por três caixas de teatro lambe-lambe, são acomodadas sob uma tenda cênica. A estética cigana permeia cenário (a tenda), figurinos, adereços e a ornamentação das caixas criando a organicidade do conjunto, enquanto que os espetáculos em miniatura seguem temas variados, os *diferentes tesouros* que os ciganos apresentam ao público.

Como Filhos do Vento resgatamos a mítica do artista mambembe, aquele que leva sua arte de cidade em cidade, em recantos os mais remotos, apresentando nas ruas e praças, despertando emoções, criando sonhos, fazendo amigos. E assim seguimos o estradar, cumprindo nossa missão. Evoé!

COISAS DE MULHER: um constante recomeço

**AMARA HURTADO, JIRLENE PASCOAL E MARIANA BAETA
AS CAIXEIRAS CIA. DE BONECAS _ BRASÍLIA / DF**

Tudo começa com o projeto Crisálida! Um projeto que depois de ser uma lagarta tornou-se uma crisálida e ao invés de nascer uma borboleta, morreu. Da morte surge uma nova possibilidade: transformar um desejo antigo e quase esquecido em realidade. Juntando novas lagartas, começamos a tecer outra trama com outras ideias, amores, risos, trabalho, criatividade e Arte! Tudo junto e misturado para uma nova criação.

Desafio novo! Tudo o que estava na cabeça precisava entrar, se acomodar e funcionar dentro de uma caixa preta. Uma caixa preta? Sim, em vez de um casulo, nos abrigamos dentro de um cubo feito de madeira, todo negro, com duas entradas de luz. Este era o nosso novo casulo: pequeno e ao mesmo tempo amplo e instigante.

Três estórias para serem contadas em um curtíssimo tempo, cada uma de um jeito, com uma marca muito pessoal, mas todas convergiam para o tema Mulher. O tema foi a nossa trama, era sobre o feminino que desejávamos expressar os aspectos diferentes dentro desse complexo universo.

Desse processo nasceu o nosso primeiro espetáculo de Lambe-lambe: Caixearas. Ao mesmo tempo em que estávamos juntas, construindo um novo trabalho, nossa intenção era, que depois de tudo pronto, cada uma seguisse o seu caminho. Ledo engano! Mal sabíamos que aquilo era um começo, um princípio, a criação de um novo grupo de teatro. Foi então que depois de todo esse processo: espetáculos prontos, contrapartidas realizadas, apresentações com e sem êxito, nos deparamos com a vontade de continuar juntas. Quantas possibilidades, ideias e sonhos comuns havíamos compartilhado!

Inevitavelmente as tramas ficaram firmes e decidimos que juntas permaneceríamos. Assim nasceu As Caixearas Cia. de Bonecas e o seu primeiro espetáculo de Teatro Lambe-lambe foi rebatizado de Coisas de Mulher. Coisas de Mulher é a peça que marca nosso ponto de partida e, também, nossas inquietações e constantes metamorfoses teatrais. Com ele, experimentamos uma sensação de totalidade, o envolvimento com diversas áreas do Teatro: ser bonequeira, sonoplasta, iluminadora, cenógrafa, dramaturga, inclusive, ser plateia daqueles olhos curiosos que assistiam às apresentações.



Foto de Randal Andrade

Como as borboletas que saem do casulo, As caixearas começaram a circular com seu espetáculo de Teatro Lambe-lambe por diversos projetos e espaços públicos da cidade. Apresentar várias vezes, em diferentes lugares nos mostrou rapidamente a realidade de sermos lambelambeiras. Precisávamos urgentemente repensar nossa estrutura. Queríamos voar, porém as caixas de madeira, extremamente pesadas, não nos permitiam alçar longos voos.

Constatado esse problema, partimos em busca de materiais para construir novas caixas cênicas que nos permitissem melhor mobilidade. Além disso, repensamos a iluminação do espetáculo, convidando profissionais para nos ajudar a colocar nossas ideias em prática. Nessa nova empreitada, criamos uma iluminação específica para cada caixa com pequenos refletores acionados com os pés, o que nos proporcionou maior liberdade com as mãos para a manipulação dos bonecos. Com novas luzes e uma estrutura bastante mais leve As Caixeiras continuaram a se apresentar, montando e desmontando, criando e recriando.

Mas como falamos anteriormente nesse texto, Coisas de Mulher está sempre a renascer, pois depois de tudo que contamos temos uma nova revelação: estamos construindo novos casulos, ainda mais leves e bem menores. Isso quer dizer que tudo precisará ser recriado, afinal o que era grande agora é pequeno! O que era menos pesado agora é levíssimo! E o princípio que deveria ter seu fim continua sendo um constante recomeço.

TEATRO LAMBE-LAMBE PARA ALIMENTAR A BARRIGA E ALMA

SUZI DAIANE DA SILVA

CIA ARTÍSTICA AVENIDA LAMPARINA _ JARAGUÁ DO SUL / SC

É dezembro e vida de artista é assim mesmo, chega por essas épocas e você fica pensando como é que vai alimentar a barriga durante o período das férias quando todo mundo for viajar e você... bem, você ... nem sempre. a alma você sempre alimenta com Arte, mas passando dezembro, o trabalho fica escasso para quem vive de teatro, e a barriga, bom... ela vai acabar ficando vazia.

então você precisa de estratégias e numa dessas chuvas de ideias, seu grupo decide fazer teatro lambe-lambe nas praias. você fica receoso, já ouviu falar da tal nova linguagem, mas você não faz teatro de animação e pensa que não sabe, que não pode, que não é capaz. mas é dezembro, você lembra da barriga e sabe que este pode ser também um alimento de alma, então você faz. e junto com seu grupo vocês entram numa jornada maluca de construir quatro caixas de teatro lambe-lambe. você se empolga, é só uma caixinha – você pensa, enfim você aceita o desafio, segue em frente.

depois de duas semanas de trabalhos diários, você começa a perceber que a ideia pode ter sido péssima. que as caixas estão dando trabalho, que não está sendo tão fácil, sua caixa não ficou pronta como mágica da noite pro dia e você está morrendo de sono. não era só mexer bonequinhos? - você pensa. você se esforça, você consegue, ponto.

é verão, então o estresse fica pra depois e agora as quatros caixas estão prontas e vocês vão apresentar horrores e ficar ricos cobrando apenas R\$ 2,00 de cada turista que encontrar. salário da temporada garantido.

então você monta sua caixa à beira mar, tudo está lindo, você não ensaiou muito, mas não importa, vai dar tudo certo. aí você é expulso, seu trambolho não é algo conhecido e isso assusta os guardinhas da praia. teatro lambe-lambe? – eles perguntam, não não, você precisa ir embora.

mas seu grupo está motivado, e vão rumo à próxima praia. começa tudo de novo, você monta todo o seu arsenal, chama e o público? o público não vem. teatro lambe-lambe, de novo, vix, isso é algo muito novo, o público não entende. você e seu grupo não desistem. #partiunovapraia.

montam tudo, testam os fones, acertam todos os detalhes e o público? ah, o público vem, deram sorte dessa vez, começa a surgir um ou outro curioso, a coisa começa a dar certo, opa! vocês arrecadam uns R\$ 40, 00 por dia, não é de ficar rico, mas é um começo. cansados vão para as barracas, afinal no outro dia tem mais. que aventura – você pensa. então vocês se apresentam por dias, o dinheiro dá pro lanche, pro combustível, nada muito chique.

no meio da coisa toda você começa a pensar na sua história, será que ela é bacana, será que nessa euforia toda você fez um bom espetáculo? você se sente insegura, começa a perguntar para cada espectador se ele entendeu, você nem percebe, mas faz cada pessoa fazer um relatório da caixa, é insegurança demais. tudo é novo demais.

depois de perguntar muito, você começa a entender seu processo, sua história, sua caixa, você descobre muitas coisas, entende que a aventura está valendo a pena, mas que o tal teatro lambe-lambe não é para qualquer um, que sua sonoplastia está uma bosta, a gravação é precária, seu cenário também não é dos melhores e seus bonecos são fofos, mas o público parece querer mais, então você sente falta de entender melhor de manipulação, percebe que sua dramaturgia é frágil, que a iluminação poderia ser melhor elaborada, enfim você se frustra. os outros atores começam a sentir as mesmas dificuldades. história, sonoplastia, cenário, bonecos, dramaturgia e iluminação, quanto coisa para pensar. eita que esse lambe-lambe até parece um teatro "normal".

a circulação termina, você volta para casa e se sente vazia. e não é o dinheiro que faz falta, nem é porque a aventura não valeu a pena, tudo valeu. mas você se pergunta se conseguiu tocar seu público de alguma forma. talvez sim, talvez não – conclui.

o grupo se reúne de novo, já é março e vocês seguem adiante, os trabalhos começam a surgir e você não está mais só pensando em alimentar a barriga. pensam na aventura e o que ela fez brotar em cada um, o desejo gigantesco de conhecer melhor sobre o teatro lambe-lambe, de aprimorar as caixas, de saber mais e mais. e se dedicam, estudam, constroem mais caixas, fazem cursos, chamam diretores, montam espetáculos.

já faz três anos e hoje as caixas são muitas, a experiência é outra, o espírito aventureiro permanece e a barriga está cheia, porque o teatro lambe-lambe se tornou o sustento, não o sustento para as férias, mas para o ano todo, porque agora é ele quem dá a você o alimento diário. você se sente cheio, mas não se satisfaz, afinal a aventura nunca acaba.

MEDIOVACÍO

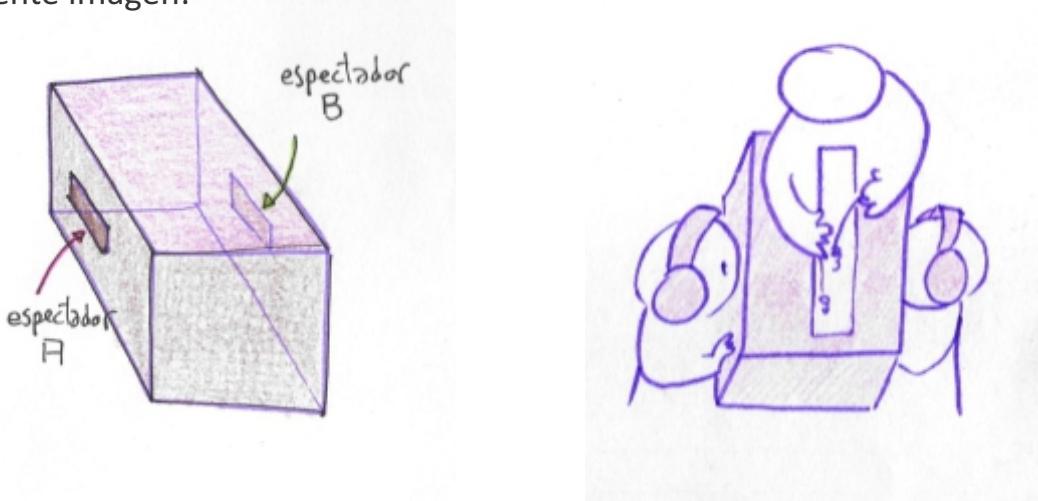
MAU FUNES

ENCLENQUE TEATRO DE TÍTERES _ MENDOZA / ARGENTINA

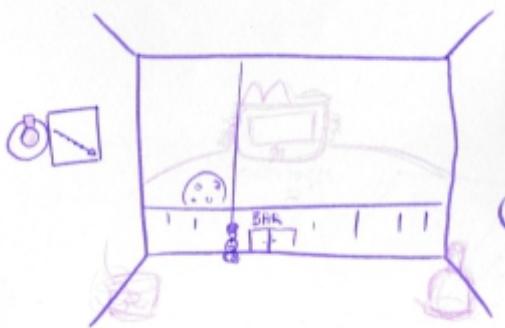
Los espectáculos creados según el dispositivo lambe-lambe permiten interpelar al espectador desde su condición de ser subjetivo, único... Si bien, se puede esgrimir que en cualquier tipo de expresión artística el espectador puede ser llamado a emanciparse, a devenir poeta; en el lambe-lambe la problemática por la subjetividad es central. Cada espectador sabe que se le está representando para él, cada intérprete sabe que está representando para él y solo para él. No hay palabras que permitan explicar este intercambio y la emoción rápidamente nos gana, nos inunda... convidados por un secreto, por un corazón que se nos abre durante un instante, por unos segundos de intimidad.

Mediovacío surge como un proyecto para Lambe-lambe. Surge en el medio de esta discusión por la subjetividad que alimenta nuestro territorio y se propone llevar a escena dos historias opuestas pero ligadas. El hilo conductor son dos frases de la cultura popular, tales como “Ver el vaso medio lleno o ver el vaso medio vacío” y “Ahogarse en un vaso de agua”. Lo que me pasa puede ser mi esperanza, lo que me pasa puede ser mi tumba. Yo determino vida, y lo hago según el punto de vista sobre el que me quiero parar. La subjetividad me puede salvar o condenar. El vino aparece como nexo, como lugar de alegría, como lugar de espanto... bebemos para festejar, bebemos para olvidar.

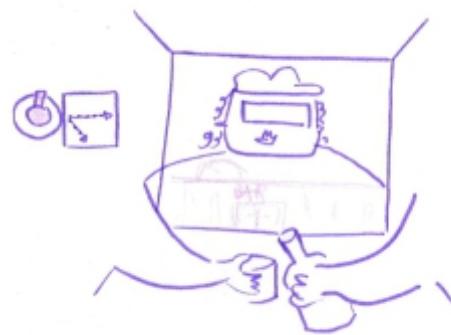
Estas metáforas traccionan hacia una caja para dos espectadores con visores enfrentados. Cada espectador verá un espectáculo diferente a pesar de estar viendo aparentemente el mismo. Los espectadores se sitúan según indica la siguiente imagen:



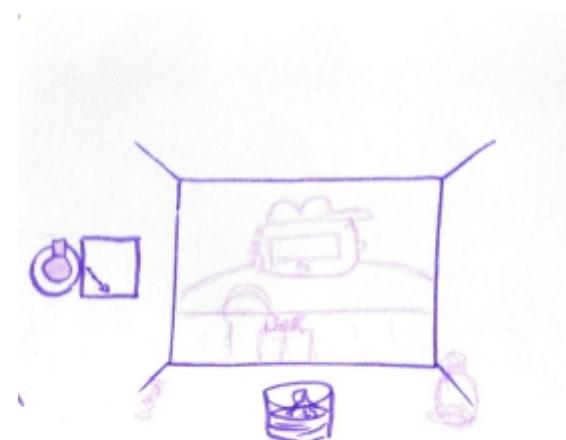
Así, el espectador A ve narración denominada La Última Lágrima, mientras que el espectador B ve La Última Cena de López. El audio de ambos espectadores difiere dado el sistema estéreo, que permite hacer una pista de sonidos para Left y otra para Right. Entonces, mientras los auriculares del espectador A están conectados al canal Left del reproductor, los del espectador B están conectados en el lado Right. En ambas puestas puede observarse una estructura similar en cuanto a la distribución espacial (los ejemplos dados a continuación son según la visual del Espectador A, la visual del Espectador B es igual pero espejada):



ESCENA 1 y ESCENA 4: Ocurre en el rincón opuesto al del observador (lo que aquí sucede es completamente diferente para cada espectador);



ESCENA 2: Unos brazos sirven un vaso de vino en el medio del espacio escénico. El cuerpo de la persona que sirve dicho vaso está dibujado enfrente (en el foro) y se completa con los ojos del espectador al cual está "enfrentado".



ESCENA 3: sucede en el medio del espacio escénico y es la misma escena para ambos espectáculos.

MEDIOVACÍO

MAU FUNES

ENCLENQUE TEATRO DE TÍTERES _ MENDOZA / ARGENTINA

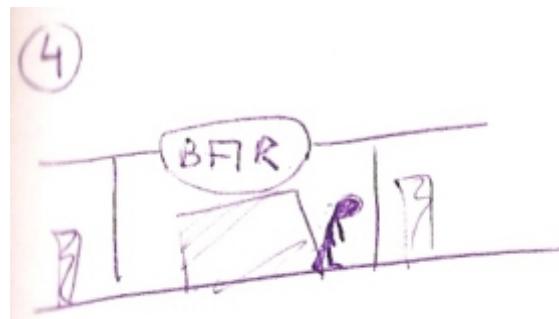
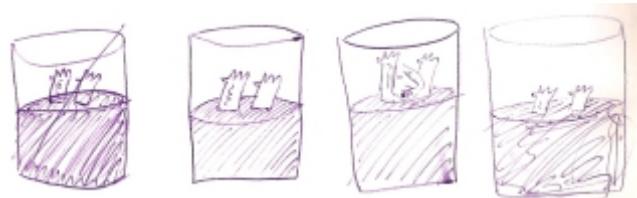
La Última Lágrima

ESCENA 1: [Empieza a sonar la música, también sonido luces de neón] Es de noche. Se ve un borracho llegando a un Bar que se llama “La Última Lagrima”, el cartel del bar es de luces de néon.

ESCENA 2: [Sonido bar] el camarero, un señor triste, le sirve un vaso de vino mientras aparenta complicidad.

ESCENA 3: Un hombre parece ahogarse en el vaso de vino [mientras se vuelve a escuchar la música que continúa hasta el final].

ESCENA 4: El borracho empieza a irse tal como llegó. En medio del camino se cae y se larga a dormir. El Cartel se apaga y el sol sale.

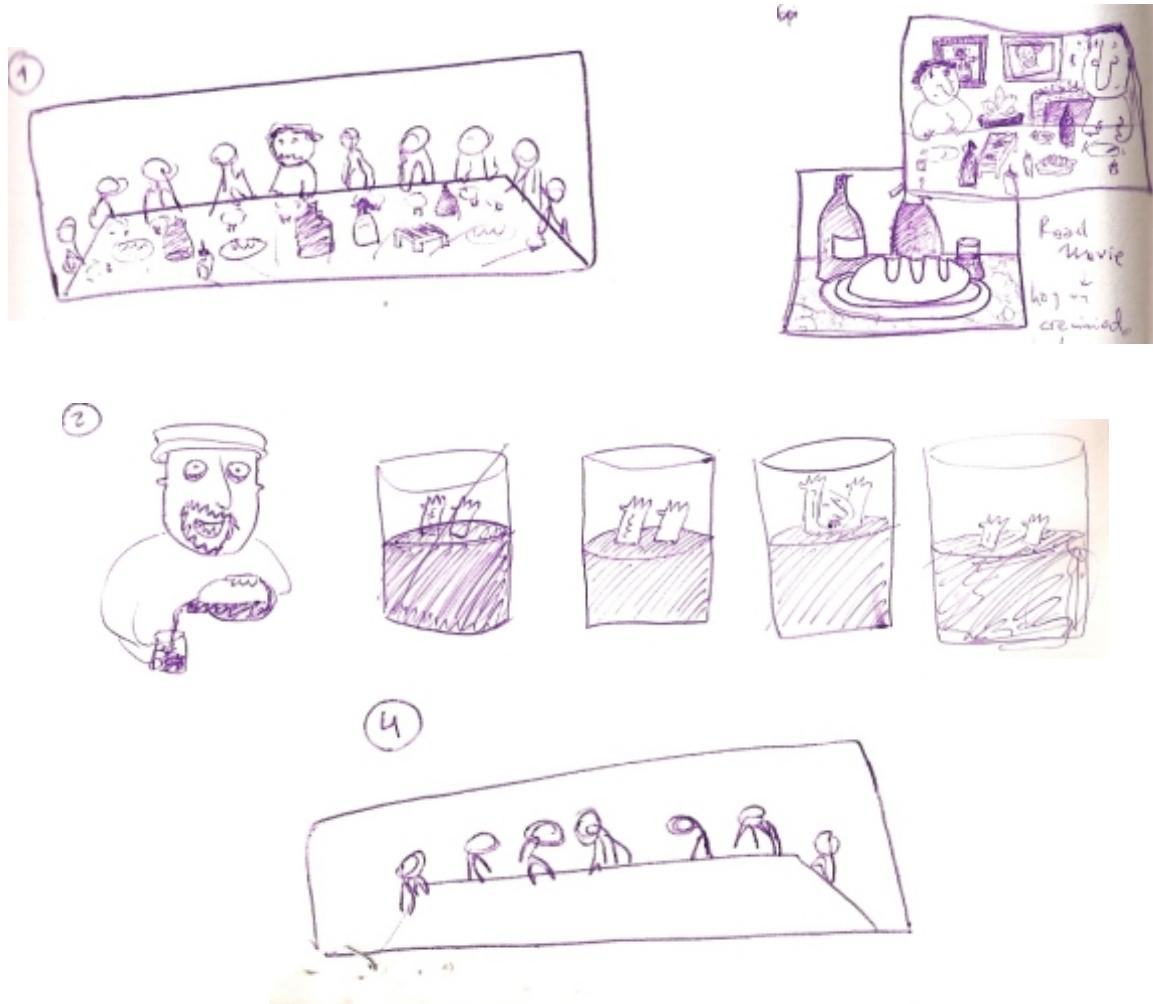


La Última Cena de López

ESCENA 1: [Empieza a sonar un partido de futbol de la selección transmitido por televisión] Unos amigos se han reunido a ver un partido, se quejan de un par de jugadas. La imagen puede ser bastante similar a la obra “Ultima Cena” de Marcos López.

ESCENA 2: Uno de ellos sirve un vaso de vino hasta el tope, está esperanzado.

ESCENA 3: Un hombre parece ahogarse en un vaso de vino [mientras se escucha el relato de gol del equipo contrario].



1 - Quizás el real de un partido.

2 - Por ejemplo: Gol de Alemania a Argentina en la final del Mundial Brasil 2014.

PEQUENINAS GRANDES FORMAS QUE ME ANIMAM

**SANDRA LANE
BELO HORIZONTE / MG**

Minha atuação como contadora de histórias mescla a palavra e a animação de bonecos, de silhuetas e de objetos, em uma proposta de proximidade e intimidade com a plateia. Toda história que me proponho a contar traz em si o desejo de entrar não pela razão, mas pela porta do coração de cada ouvinte.

Sinto-me uma principiante nessa descoberta da animação. Há anos trabalho enquanto contadora de histórias e sempre me utilizei da palavra falada. A animação de objetos permeia uma história ou outra. Mas a cada apresentação que participo, sinto-me mais envolvida no mundo das pequenas formas que parecem ter vida própria e conquistam um diálogo intimista com a plateia.

O que mais me fascina com essa expressão da arte é perceber que é uma linguagem na qual o público de diferentes faixas etárias e classes sociais torna-se cúmplice, transpondo o cotidiano e adentrando com facilidade em um espaço mágico e encantador.

Dar vida a um objeto, fazendo com que, através dele, uma história seja contada, é tentar abstrair a minha presença e deixar em foco apenas a personagem que está sendo animada. Contracenar com esses objetos, fazer com que eles pareçam ter vida própria, mesmo todos vendo que quem os manipula sou eu, é algo desafiador e instigante.

As pequenas formas com as quais eu trabalho, muitas vezes, saltam da história e brincam com o público. Este, por sua vez, quase sempre estica o braço e abre as mãos para receber por alguns segundos um pequeno objeto que pula, ri e brinca. Ou simplesmente, para provocar um gesto afetuoso. Há uma atmosfera de cumplicidade solta no ar, os sorrisos são abertos e as estrelas fazem pouso nos olhares. Naquele momento, eu não sei dizer se eu dou vida aos objetos, ou os objetos é que me dão vida. E quando falo isso, quero dizer no sentido mais profundo da minha existência.

O encantamento pelos pequenos objetos, desde a infância, faz-se presente dentro de mim. Lembro-me de que, como muitas crianças, enfrentei a dor da separação dos meus pais.



Foto de Víctor López

Para ajudar na sobrevivência, minha mãe teve de trabalhar longe de mim e, por esse motivo, aos 6 anos de idade, fui morar de favor em uma casa onde viviam mais quatro crianças. Por ser a mais velha, caía sobre os meus ombros a responsabilidade de olhar as demais. Eu tinha de ser o porquinho ajuizado Pedrico da história “Os três porquinhos”. Mas, na verdade, eu estava mais para Palhaço ou Palito, os porquinhos que só queriam brincar.

Ainda bem que vivíamos em um tempo em que criança podia brincar na rua. Assim, meus amigos de infância e eu podíamos recolher nas ruas saquinhos de leite, jornais velhos e estrume para serem trocados por picolés de suco ou leite e pão para o lanche da tarde. Nessas andanças, com a astúcia de Pedro Malazarte, eu encontrava partes de um grande tesouro espalhado pelo chão: objetos velhos e sujos que passavam a ser protagonistas de criativas histórias que somente a minha imaginação e a da minha pequena plateia conseguiam ver. No quintal de terra batida, à sombra de um limoeiro, eu distraía a meninada contando histórias recriadas da radionovela que, às vezes, eu escutava pelo radinho de pilha da dona da casa onde eu morava. Eu me lembro de que a plateia, sempre muito atenta, enxergava comigo diamantes nos cacos de para-brisa quebrado, olhos mágicos do Cavalo Dourado em botões enferrujados e até mesmo um cinturão mágico de um rei gordo e poderoso em uma fivela antiga.

Depois de mais de quatro décadas, quandouento história, a mesma menina que conseguia ver diamantes em cacos de vidro se faz presente. Transfiro o meu sentimento para a forma inanimada e, esta por sua vez, expressa-se para a plateia como se eu não existisse, porque a própria forma, antes inanimada, passa a sentir as emoções. Esse momento de encantamento só se torna realidade se o público presente deixar que os seus olhos vejam diamantes em cacos de vidro.

CAIXAS, LITERATURAS E PATRIMÔNIO

BRUNO REGENTHAL

CIA NAU DOS SONHOS _ OURO PRETO / MG

A Cia. Nau dos Sonhos procura, em seus espetáculos, dar foco à questão do patrimônio, aspecto que se tornou mote para o grupo desde a criação de seu primeiro espetáculo de bonecos de fantoche, o Poemas e Grinaldas.

Este espetáculo conta de forma lúdica o romance de Thomás Antônio Gonzaga e sua musa inspiradora, Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, mais conhecidos pelos seus referentes literários, Marília e Dirceu. Para atingir um maior dinamismo na dramaturgia e na quebra das cenas, aos poucos inserimos jogos e textos que incluíssem a Inconfidência Mineira, conseguindo um panorama histórico e, ao mesmo tempo, trazendo uma fluência maior à obra como um todo.

Por sermos um grupo de teatro de bonecos que possui residência em Ouro Preto, antiga Vila Rica, consideramos que este espetáculo nos deu alicerces para parcerias que hoje em dia apoiam o trabalho da Cia. Nau dos Sonhos, como o IPHAN e o Instituto Estrada Real.

Percebendo o cuidado com que a questão do patrimônio (tanto o material quanto o imaterial) é tratada atualmente, ao elaborarmos nossas recentes caixas de lambe-lambe surgiu uma reflexão sobre o que poderia carregar a questão do patrimônio em um espetáculo de miniatura em dois minutos. Nossa primeira proposta eram criar três caixas de teatro que dialogassem entre si, sem, contudo, necessariamente haver algum tipo de interação ou de continuidade de uma caixa para outra. Mas como falar de questões patrimoniais que se ligassem entre si em tão curto tempo?

Em meio a pesquisas de temas, surgiu o interesse de pesquisar textos literários para a criação das caixas. A literatura, subjetivamente falando, é um patrimônio material, por ser espécie e tangível, porém também imaterial, pelo poder imaginário que é destrinchado a partir de sua leitura. De Shakespeare a Machado de Assis, a fruição e análise das obras se modificam ao passar do tempo e da sociedade onde se lê, formando diversas visões sobre uma mesma literatura. Sendo assim, necessitávamos que a adaptação das obras literárias nas caixas de lambe-lambe trouxessem consigo aspectos da rotina contemporânea, seja urbana ou rural, em uma tentativa de revitalizar e trazer à tona conceitos inspirados nos universos literários, sem ter a obrigatoriedade de reproduzir determinada cena de algum livro.

Para compor estas três caixas escolhemos dois autores mineiros, Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade e um autor espanhol, que pode ser dito universal: Miguel de Cervantes.

Para a caixa do espetáculo *Respire*, baseado no universo de Guimarães Rosa, idealizado e manipulado por Josi Luz, foi pesquisado principalmente o livro *Grande Sertão Veredas*, aproveitando seus cenários para falar do cotidiano rural mineiro, sendo praticamente um relato da rotina da roça voltado para a apreciação do espectador.

Já o espetáculo *José*, de Pedro Gaban, passeia por (re)leituras das obras de Carlos Drummond de Andrade. O personagem que passeia pelos cenários não é só apenas a representação do autor, como a representação de cada um de nós, cortejando a lua e passeando à deriva pela solidão em questões intimistas. A caixa por mim idealizada e manipulada, *Sancho Pança Vazia*, se passa na Estação da Luz, em São Paulo. Um morador de rua e seu fiel companheiro canino, após acharem um livro que alguns estudantes deixaram cair, se aventuram contra um imenso inimigo: um político e seu excesso de dinheiro. Todas essas nossas caixas de lambe-lambe possuem em seu desenvolvimento de cena o elemento livro, do qual vão sendo viradas as páginas para a mudança de cenários. Os bonecos saem da coxia ou de dentro destes cenários, todos pintados com lápis de cor.

Ao se sentar para assistir, o espectador deve tirar um pequeno livro de papelão pintado que se encontra no lugar do visor, como se estivesse pegando um livro para ler. As laterais das caixas são revestidas de representações de uma biblioteca, sendo que cada caixa é de uma cor diferente. Nossas caixas de teatro de lambe-lambe, bem como os bonecos, tem como matéria prima o papel, buscando a expressividade deste material dentro das caixas, dialogando com o material do qual são feitos os livros e criando uma unidade entre as caixas.

Acreditamos que, dessa forma, conseguimos aliar o patrimônio literário (tanto local como universal) ao cotidiano atual de nossos espectadores, criando uma identificação e consequente empatia por parte destes. Desta forma, cada um destes espetáculos não se acaba em si, tornando-se não tão somente um subproduto da obra literária, mas uma criação baseada em referências externas, tendo como mote este ou aquele universo da literatura, por outro lado gerando certa curiosidade no espectador para a leitura das obras originais.

CAMILA LANDON

CIA OANI DE TEATRO _ VALPARAÍSO / CHILE



Camila Landon dirige e atua na Compañía OANI de Teatro, fundada em Santiago do Chile em 1998. A Cia realizou 15 espetáculos de produção independente e circulou por mais de 30 festivais nacionais e internacionais. Desde 2007, está radicada em Valparaíso onde apresenta suas criações e produz o “Festival Internacional de Teatro Lambe Lambe”, que em 2015 esteve em sua segunda edição. Nesta entrevista a Tiago Almeida do Grupo Girino, Camila apresenta seus projetos artísticos e sua forma de levar adiante o trabalho da Cia OANI.

Como surgiu a Cia OANI e como hoje se configura a equipe da Cia?

La Compañía OANI de Teatro, hoy Fundación, nace en Santiago, Chile en el año 1998. Fundada por Valeria Correa Rojas (actriz), quien, motivada por hacer desaparecer al “actor” en escena y encantada por la plástica y sus diversas posibilidades comunicativas, buscó aliarse con un artista profesional en el área, Alejandro Mateluna (titiritero), y lo embarcó en la travesía OANI: Objeto Animado No Identificado. En el año 2000 ingresa Camila Landon Vío (actriz) quien además de actuar dirige la compañía. Actualmente OANI la conforma Valeria y Camila, un núcleo base que invita, según el proyecto a desarrollar, a diversos artistas especializados en sus áreas conformando un equipo multidisciplinario de acción.

REVISTA ANIMA _ IV FESTIM _ 2015



CAMILA LANDON

CIA OANI DE TEATRO _ VALPARAÍSO / CHILE



Espectáculo La Estrategia de Elias _ Foto de Jorge Lozano

Quais os principais interesses da Cia OANI?

Promover el desarrollo, la investigación, la formación y la difusión de las artes escénicas y en especial del Teatro de Formas Animadas, a través de la creación, producción e intercambio de espectáculos, talleres, festivales, residencias y publicaciones, así como en la prestación de servicios de enseñanzas y producción de eventos.

Como é o processo de criação dos espetáculos da Cia OANI?

Primeramente surge la necesidad de comunicar un tema, asunto o discusión de una problemática. Buscamos textos, materias e imágenes que aborden el asunto y producimos un texto dramático a partir de la creación de Valeria Correa, quien se especializa en la dramaturgia para el teatro de títeres. Surgen así los bocetos y diseños, materiales y referencias, discutimos con los artistas creadores y generamos entre el equipo una creación en conjunto. Camila se ha encargado de buscar los distintos financiamientos y generar los proyectos para que se lleven a cabo. También es la encargada de dirigir estos equipos artísticos y de realizar la dirección general final del espectáculo o proyecto. Valeria escribe y realiza la producción y ventas para circular con los proyectos en escuelas, salas, ferias y festivales.

Como surgiu a idéia de fazer um Festival de Lambe Lambe e como aconteceu essa articulação?

La idea surge a partir de los diversos encuentros con otros artistas Lambelambeiros del mundo. Ellos son los que nos preguntan frecuentemente: ¿E cuando vai ter festival no Chile? Entonces, luego de siete años de difusión y desarrollo de este nuevo lenguaje en Chile, constatamos que una cantidad numerosa de espectáculos Lambe Lambe habitaban en Chile (Arica, Iquique, Santiago, Valdivia, Valparaíso, Viña del Mar). Decidimos entonces ponerle fecha y lugar para realizar el primer Festival Internacional de Teatro Lambe Lambe en Valparaíso de Chile en abril del año 2014, proponiendo seis días de funciones de 25 espectáculos que se presentan de manera simultánea en espacios públicos de la ciudad con un éxito incommensurable.

Como é feita a produção do Festival e qual o desafio em oferecer tantos espetáculos em cinco dias de programação consecutivos?

La producción es realizada a partir de buscar fondos Concursables de cultura en Chile y en el exterior. Para la primera edición conseguimos ser beneficiados con los fondos Iberescena Redes, lo que permitió comenzar con mucha energía. Conseguimos además apoyos de empresas privadas y mucha colaboración de la comunidad. El desafío de ofrecer 25 espectáculos en la programación es para otorgar una diversidad de propuestas y facilitar a los espectadores el poder asistir a mas de un espectáculo por día. Es tanta la cantidad de público que recibimos diariamente que sentimos que necesitamos mas tiempo o mas cajas para ofrecer.

Quais as principais dificuldades em realizar um Festival Internacional?

Conseguir presupuesto para ofrecer un caché digno a los artistas y además poder ayudar con los gastos de viaje (pasajes, sobrepeso de equipaje, etc...). Sin olvidar que siempre es muy difícil conseguir los recursos económicos con las instituciones y empresas.

CAMILA LANDON

CIA OANI DE TEATRO _ VALPARAÍSO / CHILE

Com duas edições realizadas, qual o seu balanço do Festival até agora?

El balance siempre ha superado nuestras expectativas. De un año a otro las visitas a las redes sociales, publicaciones en diarios y páginas web, entrevistas y espectadores han aumentado significativamente. Creemos que es un evento en donde los ciudadanos de Valparaíso se sienten valorados y visualizados, generamos el encuentro y la comunicación real entre artista-espectadores-comunidad-empresas.

Como diretora e encenadora, o que te desperta mais interesse no Teatro Lambe Lambe e no Teatro em Miniatura?

Mi mayor pasión por este lenguaje es que habla directo a los ojos y los ojos son el alma de las personas. Con este arte conseguimos humanizar las relaciones entre personas que no se conocen, demostrando que todos somos humanos igual de importantes y todos tenemos algo que decir. El público nos escucha y los escuchamos, se produce in situ el teatro.

Quais espetáculos de Teatro Lambe Lambe mais te surpreendeu? Poderia citar alguns e comentar?

El espectáculo que siempre guardo en mi corazón fue el primero que vi en mi vida y fue el de Antonio Leopolski (SC-Brasil) quien representaba una escena de amor muy intima, solo para adultos. Después he visto cientos de cajas que no puedo sobresaltar solo una ya que en cada caja hay una historia (persona) que emociona de distinta maneras. Pero si puedo citar la ultima caja que vi llamada “Perpetuo Romance” de Marcela Chiappe, marionetista de Valparaíso hace 25 años. Ella realizó un lambe lambe por primera vez y estrenó este año. Construyó su caja con tanto significado y dedicación que lo que resultó fue una oda al amor.

Arriscaria dizer o que o futuro reserva para o Lambe Lambe?

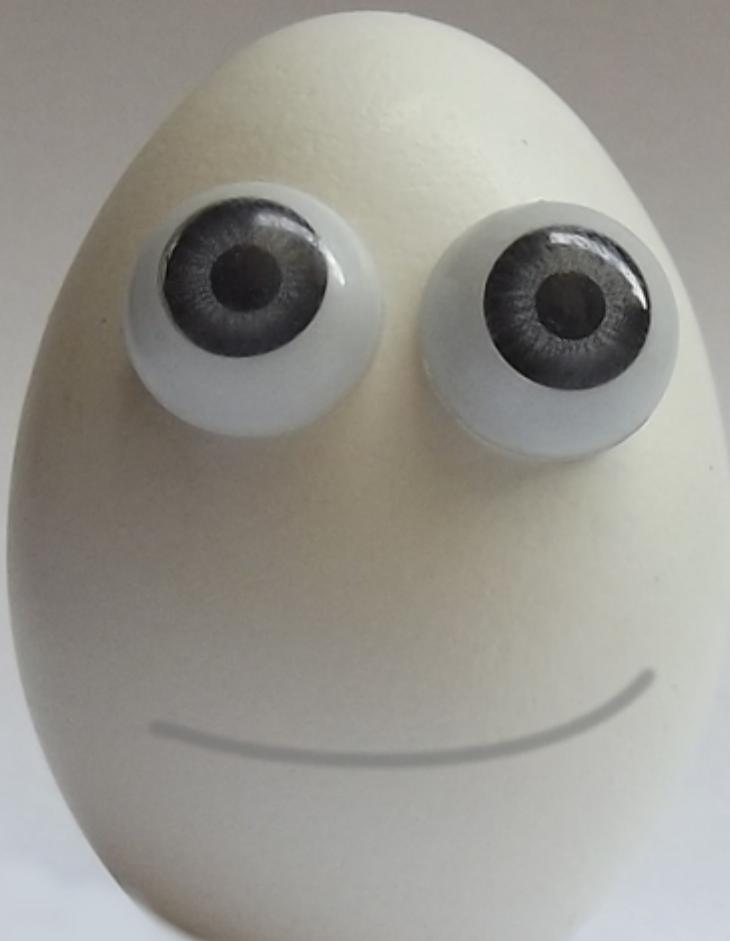
Arriesgo decir que imagino el futuro con miles de personas que, como herramienta de comunicación y humanización, tengan su Lambe Lambe “debajo del brazo”. E imagino que cada vez mas personas pueden vivir una experiencia de teatro Lambe Lambe que transforma, lento y profundo, algún rincón íntimo de cada ser humano. Larga vida al Lambe!



Compañía OANI de Teatro, hoy Fundación, nació en Santiago de Chile en el año 1998, residió 5 años en Brasil y un año en Australia. Desde el año 2007 radica en Valparaíso de Chile donde investiga, produce y presenta sus creaciones. Desarrolla el proyecto "Laboratorio para las Formas Animadas" y organiza el "Festival Internacional de Teatro Lambe Lambe" en Valparaíso.

Contato: www.oaniteatro.com





FESTIM

4. EDIÇÃO

FESTIVAL DE TEATRO EM MINIATURA

. programação .

junho / julho _ belo horizonte / mg

www.festim.art.br



apresentação

FESTIM

FESTIVAL DE TEATRO EM MINIATURA

FESTIM – Festival de Teatro em Miniatura é uma realização do Grupo Girino, trata-se do primeiro Festival do país dedicado às caixas de Teatro Lambe Lambe e à pesquisa e experimentação do Teatro em Miniatura. Em sua quarta edição, conta com o patrocínio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte e com o apoio da Secretaria Estadual de Cultura e Fundação de Parques de Belo Horizonte.

Entre os dias 23 de junho a 05 de julho de 2015, a Biblioteca Pública Luiz de Bessa, Museu Mineiro, Parque das Mangabeiras e Parque Municipal, recebem o FESTIM - Festival de Teatro em Miniatura. A programação conta com apresentações de espetáculos, caixas de teatro lambe-lambe, experiências cênicas, oficinas e debate, além do lançamento da quarta edição da Revista Anima, a primeira revista do país voltada para pesquisa do teatro em miniatura. A programação do Festival é gratuita.

O Teatro em Miniatura é composto por espetáculos curtos, que se utilizam de bonecos e elementos cênicos em escala reduzida para propor uma aproximação mais intimista com o público. Trata-se de um convite à experimentação do que há de poético e lúdico nos pequenos objetos. A partir desses micro universos, o público se aproxima e se torna cúmplice de um espaço mágico e encantador criado pelas narrativas.

Em uma edição comemorativa e com ampla programação, o FESTIM traz para Capital Mineira mais de 15 espetáculos e experimentações cênicas, divulgando um panorama de artistas e grupos que trabalham com essa linguagem no País e fomentando a capacitação técnica por meio de oficinas de formação. Também na programação, acontece o café-debate no dia 27 de junho, no Museu Mineiro, com o tema "Teatro em Miniatura e as possibilidades expressivas no Teatro de Animação". Na mesma ocasião, acontece o lançamento da quarta edição da Revista Anima, com artigos de pesquisadores convidados.

O Festival é organizado pelo Grupo Girino que já organizou edições em São Paulo e Belo Horizonte, onde promoveu apresentações de mais de 40 espetáculos, além de oficinas de formação, palestras, debates, lançamento de publicações e do Primeiro Mapeamento do Teatro em Miniatura.

programação

23 DE JUNHO [TERÇA FEIRA]

ESPETÁCULO: O PEQUENO PRÍNCIPE DE PAPEL _ GRUPO GIRINO

LOCAL: BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL LUIZ DE BESSA

HORÁRIOS: 10H // 14H // 15H30

24 DE JUNHO [QUARTA FEIRA]

ESPETÁCULO: O PEQUENO PRÍNCIPE DE PAPEL _ GRUPO GIRINO

LOCAL: BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL LUIZ DE BESSA

HORÁRIOS: 14H // 15H30

25 DE JUNHO [QUINTA FEIRA]

ESPETÁCULO: QUATRO ESTAÇÕES _ SANDRA LANE

LOCAL: BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL LUIZ DE BESSA

HORÁRIOS: 09H // 14H // 15H30

26 DE JUNHO [SEXTA FEIRA]

ESPETÁCULO: A ARANHA ENDIVIDADA _ GISLAYNE MATTOS

LOCAL: BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL LUIZ DE BESSA

HORÁRIOS: 09H // 14H // 15H30

27 DE JUNHO [SÁBADO]

MOSTRA DE TEATRO EM MINIATURA

[08 espetáculos convidados]

LOCAL: MUSEU MINEIRO

HORÁRIO: 14H ÀS 17H

27 DE JUNHO [SÁBADO]

ESPAÇO EDUCATIVO: OFICINA COM CECILIA COSTIN

LOCAL: MUSEU MINEIRO

HORÁRIO: 14H ÀS 16H

programação

27 DE JUNHO [SÁBADO]

CAFÉ DEBATE + LANÇAMENTO DA REVISTA ANIMA

LOCAL: MUSEU MINEIRO _ HORÁRIO: 17H

+ informações: www.festim.art.br/debate

27 DE JUNHO [SÁBADO]

PALESTRA COM CONCEIÇÃO ROSIÈRE

LOCAL: MUSEU MINEIRO _ HORÁRIO: 18H

+ informações: www.festim.art.br/debate

28 DE JUNHO [DOMINGO]

MOSTRA DE TEATRO EM MINIATURA

[08 espetáculos convidados]

LOCAL: PARQUE MUNICIPAL

HORÁRIO: 14H ÀS 17H

30 DE JUNHO A 02 DE JULHO

OFICINA DE TEATRO DE SOMBRAS

LOCAL: GRUPO GIRINO

HORÁRIO: 18H ÀS 22H

+ informações: www.festim.art.br/oficinas

05 DE JULHO

MINI TEATROS DE SOMBRAS

LOCAL: PARQUE DAS MANGABEIRAS

HORÁRIO: 14H ÀS 16H

ENDERECOS:

Biblioteca Estadual Luiz de Bessa = Praça da Liberdade, 21, Funcionários _ BH/MG

Grupo Girino = Av. Elísio de Brito, 463, sala 201, Boa Vista _ BH/MG

Museu Mineiro = Av. João Pinheiro, 342, Funcionários _ BH/MG

Parque das Mangabeiras = Av. José do Patrocínio Pontes, 580, Mangabeiras _ BH/MG

Parque Municipal Américo Renné Giannetti = Av. Afonso Pena, 1377, Centro _ BH/MG

A ARANHA ENDIVIDADA E OUTRAS FÁBULAS

Gislayne Mattos

Release: Nas fábulas de animais, os personagens, claro, são os próprios animais, que, conservando sua natureza animal, comportam-se como seres humanos. O fato de expor as fraquezas humanas de forma divertida torna as fábulas muito populares e de fácil assimilação. No caso do apólogo, os objetivos e a estrutura correspondem aos da fábula, mas as personagens são objetos. Uma característica essencial da fábula é dizer a verdade deslocando-a para o mundo animal. Isso significa criar uma distância que permite expor as fraquezas humanas de uma forma leve e divertida. As fábulas são, portanto, um ótimo recurso para se ver refletido num espelho, no caso, um espelho trazido do reino animal.

Classificação: Livre

MiniBio: Mestra em Educação pela UFMG. Contadora de Histórias. Idealizadora dos projetos: Convivendo com Arte e Noite de Contos. Formadora de novos contadores. Autora dos livros: A palavra do contador de histórias e O ofício do contador de histórias em co-autoria com Inno Sorsy, ambos editados pela Martins Fontes, entre outros.

**26 de junho _ 09H // 14 H // 15H30
Biblioteca Pública Luiz de Bessa**



COTIDIANO

Maikon Rangel _ Grupo Girino

Release: O espetáculo “Cotidiano”, apresenta os devaneios de um jovem enquanto espera por seu amigo. Inspirado na poesia concreta, a palavras surgem e dançam construindo e se desconstruindo como em uma brincadeira de criança, a trilha sonora idealizada para o espetáculo é outro elemento importante, é ela quem da o gatilho que transporta o espectador para junto do personagem em sua viagem onírica.

Ficha Técnica: Criação, dramaturgia, figurinos, construção de silhuetas e manipulação: Maikon Rangel | Trilha sonora: Paula Reis

Duração: 02 min

Classificação: Livre

MiniBio: Maikon Rangel é bonequeiro, artista plástico e produtor. Graduado em Artes Plásticas pela UFU e produtor no Ateliê 397 em São Paulo. Desenvolve projetos em cenografia, teatro de bonecos e sombras. É colaborador do Grupo Girino Teatro de Animação e editor da Revista Anima.

27 de junho _ 14H ÀS 16H _ Museu Mineiro

28 de junho _ 15H ÀS 17H _ Parque Municipal

05 de julho _ 14H ÀS 16H _ Parque das Mangabeiras



Foto: Camilo Oliveira

CORAÇÃO ALADO

Iasmim Marques _ Grupo Girino

Release: O Mini Teatro de Sombra “Coração Alado” é um espetáculo do Grupo Girino na técnica do Teatro em Miniatura. A história apresenta o universo de uma menina que segue na tentativa de descobrir porque é tão diferente. A diversidade de sentimentos e emoções a confunde e ela terá que descobrir por si própria sua verdadeira identidade.

Ficha Técnica: Concepção e manipulação: Iasmim Marques | Criação dos bonecos: Cecilia Costin | Trilha Sonora: Tiago Almeida

Duração: 02 min

Classificação: Livre

MiniBio: Iasmim Marques é graduada em Teatro pela Escola de Belas Artes da UFMG. Atriz, arte-educadora, produtora e figurinista do Grupo Girino. Coordena a elaboração, produção executiva e gestão de projetos culturais da companhia. Como atriz, participa dos espetáculos “O Fantástico Circo de Papel”, “MetaForMose”, “Metaformose”, “O Pequeno Príncipe de Papel” e “Coração Alado”.

05 de julho _ 14H ÀS 16H
Parque das Mangabeiras



ISTO NÃO É UMA CAIXA

Tiago Almeida _ Grupo Girino

Release: O Mini Teatro de Sombra “Isto não é uma Caixa” é um espetáculo do Grupo Girino e apresenta o universo poético e conceitual do pintor belga René Magritte. Na narrativa, um homem misterioso terá que resolver enigmas e descobrir o conteúdo de estranhas caixas mágicas. Trata-se de uma viagem pelas imagens metafóricas do realismo fantástico do artista onde figuras simbólicas adquirem uma atmosfera mágica e misteriosa.

Ficha Técnica: Concepção, Criação e Atuação: Tiago Almeida |
Figurino: Iasmim Marques

Duração: 02 min

Classificação: Livre

MiniBio: Tiago Almeida é diretor artístico do Grupo Girino, coordenador do FESTIM – Festival de Teatro em Miniatura e editor da Revista Anima. Pós graduado em Arte Educação pela PUC Minas e graduado em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da UFMG, desenvolve pesquisas em artes visuais, vídeo, teatro de bonecos e sombras, experimentando novos suportes expressivos e implementando projetos educativos.

**05 de julho _ 14H ÀS 16H
Parque das Mangabeiras**



Foto: Emanuelle Souza

LÁGRIMA

Catibrum Teatro de Bonecos

Release: “Lágrima” foi inspirado em “A Terceira Margem do Rio” e narra a história de um filho que acompanha o abandono do pai e do pai que abandona sua família para viver longe, no oco do rio. Após construir sua canoa entra no rio e rema, rio abaixo, rio afora, rio adentro. O filho espera. A mãe e a filha se vão. O filho espera...

Ficha Técnica: Criação e interpretação: Amaury Borges

Duração: 10 min

Classificação: Adulto

27 de junho _ 15H ÀS 17H

Museu Mineiro

28 de junho _ 15H ÀS 17H

Parque Municipal



Foto: Leandro Marra

MÁQUINA DE HISTÓRIAS

Grupo Aldeia Teatro de Bonecos

Release: Um pequeno palco posicionado sobre uma mesa: de um lado o Manipulador, de outro, o Espectador (pessoas do público). Enquanto uma pessoa manipula objetos a partir de instruções escutadas pelo fone, a outra assiste a estas ações escutando, também por um fone, uma história narrada. O resultado é uma divertida animação de objetos que surpreende e encanta o espectador. Idéia original da “Macchina per il Teatro Inconsciente” de “La Vocedelle Cose” (Itália).

Ficha Técnica: Adaptação de textos e direção: Débora Mazochi |
Locução: Affonso Júnior, Anita Fernandes e Débora Mazochi |
Operador: Daniel Vieira | Produção: Anita Fernandes

Duração: 03 min

Classificação: Livre

MiniBio: O Grupo Aldeia surgiu da necessidade de se resgatar a magia do Folclore, seus mitos e lendas, trazendo à tona toda a poesia da tradição oral. Desde 1998, artistas de variadas formações dedicam-se à pesquisa e à experimentação do Teatro de Formas Animadas e criam um universo que abrange desde espetáculos a produtos culturais diferenciados como CDs, livros e oficinas, destinados a públicos de todas as idades.

27 de junho _ 15H ÀS 17H

Museu Mineiro

28 de junho _ 14H ÀS 16H

Parque Municipal



Foto: Magno Duarte

NUM PISCAR DE OLHOS

Conceição Rosière

Release: Usando truques de iluminação, as imagens se materializam e se desfazem à vista do espectador. A música é feita na hora, pelo público, que toca uma das caixinhas de música, à sua escolha. A caixa não precisa de nenhuma conexão elétrica, mas só pode ser apresentada em locais mais silenciosos.

Ficha Técnica: Concepção, Criação e Confecção: Conceição Rosière

Duração: 40 seg

Classificação: Livre

MiniBio: Artista plástica, bonequeira e estudiosa, há mais de 20 anos, do Teatro de Animação, tem inúmeros trabalhos de criação e confecção de bonecos para diversos grupos, manipulação, assim como criação de textos e direção de espetáculos premiados, além de ministrar cursos, seminários e palestras e apresentar exposições de bonecos. Atualmente é tesoureira e coordenadora de atividades da Associação de Teatro de Bonecos do Estado de Minas Gerais - ATEBEMG, da qual foi também fundadora, sendo responsável pela elaboração, coordenação e acompanhamento dos projetos da Atebemg, apresentados nos diversos editais e prêmios, e Vice-presidente da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos – ABTB.

27 de junho _ 14H ÀS 16H

Museu Mineiro

28 de junho _ 15H ÀS 17H

Parque Municipal

TEATRO LAMBE-LAMBS
"NUM PISCAR DE OLHOS"
CRIAÇÃO E CONFECÇÃO:
CONCEIÇÃO ROSIERE
CARPINTARIA:
CIA. CENOGRÁFICA
LUZ: GASTÃO ARREGUY



O BALÃO AZUL

Grupo Circulador

Release: O Palhaço fuzarca tenta recuperar seu balão azul. Mas para que isso aconteça ele tem que por sua cachola para funcionar...

Através de um olho mágico o olhar de cada um se amplia e se depara com uma cena inusitada, apresentada dentro de um teatro minúsculo e individual.

Ficha Técnica: Manipulação, confecção e roteiro: Anderson Dias

Duração: 01 min 30 seg

Classificação: Livre

27 de junho _ 14H ÀS 16H

Museu Mineiro

28 de junho _ 14H ÀS 16H

Parque Municipal



O PEQUENO PRÍNCIPE DE PAPEL

Grupo Girino

Release: Inspirado em uma das histórias mais conhecidas do mundo, escrita pelo francês Antoine de Saint-Exupéry, o espetáculo "O Pequeno Príncipe de Papel" é mais um trabalho do Grupo Girino nas técnicas do Teatro de Papel. Em mundo cercado pelo individualismo, o espetáculo valoriza as relações humanas e as coisas simples que são invisíveis aos olhos. "O Pequeno Príncipe de Papel" evoca a pureza da infância e resgata as emoções muitas vezes adormecidas na vida adulta.

Ficha Técnica: Direção, dramaturgia e trilha sonora: Tiago Almeida | Atuação, produção e figurinos: Iasmim Marques | Cenário: Gustavo (Ed) | Design dos personagens: Marco Vieira | Preparação corporal: Thiago Araújo | Iluminação: Pedro Paulino e Richard Zaira | **Duração:** 40 min | **Classificação:** Livre

MiniBio: Fundado em 2006, o Grupo Girino pesquisa as técnicas e linguagens do Teatro de Animação. O Grupo consolidou a perspectiva de um trabalho colaborativo tendo como foco de pesquisa o Teatro de Bonecos e Animação, as potencialidades estéticas de uma dramaturgia autoral e a relação do ator com bonecos, objetos e vídeos. Desde 2012 o Grupo Girino produz o FESTIM - Festival de Teatro em Miniatura e a publicação da Revista Anima.

23 de junho _ 10H / 14H / 15H30

Biblioteca Pública Luiz de Bessa

24 de junho _ 14H / 15H30

Biblioteca Pública Luiz de Bessa



O SEGREDO DA BORBOLETA

Zina Vieira

Release: A história acontece em um jardim e mostra a transformação de uma lagarta em borboleta. Numa sucessão poética, representa-se o ciclo natural da vida e a constante transformação dos seres vivos.

Ficha Técnica: Concepção, construção, roteiro e manipulação: Zina Vieira

Duração: 2 min

Classificação: Livre

MiniBio: Zina Vieira é atriz, bonequeira, aderecista e professora. Bacharel em Serviço Social, formação em Teatro pelo CEFAR, cursos diversos na área artística com profissionais renomados dentre eles Fernando Limoeiro, Elvécio Guimarães, Casa de Canto Babaya. Professora de Teatro, Teatro de Bonecos e Patrimônio Cultural. Integra a Associação de Teatro de Bonecos do Estado de Minas Gerais - ATEBEMG, Associação Brasileira de Teatro de Bonecos - ABTB e União Internacional de Marionetistas- UNIMA.

27 de junho _ 15H ÀS 17H

Museu Mineiro

28 de junho _ 15H ÀS 17H

Parque Municipal



Foto: Saulo Eslien Martins

PONCO VÔ

Hermes Perdigão e Aline Beatriz

Release: Ponco Vô, um indiozinho, sempre caminhava pela mata, ouvia o som dos pássaros, o vento assobiando no bambú, parecia música um céu azulzinho, uma pintura. Próximo a sua aldeia havia um belo rio bem clarinho, cheio de lindos peixes, certo dia como de costume saiu para sua caminhada, sentiu um silêncio e um arrepio que só vendo, o céu estava bem escuro, quando ele chegou na beira, o rio havia sumido e agora Ponco Vô, assustado saiu correndo. O que será que aconteceu?

Ficha Técnica: Bonecos, manipulação e trilha: Hermes Perdigão

Duração: 1 min 20 seg

Classificação: Livre

MiniBio: Hermes Perdigão: artista plástico, bonequeiro, locutor. Aline Beatriz: é contadora de estórias e palhaça.

27 de junho _ 15H ÀS 17H
Museu Mineiro



Foto: Hugo Honorato

QUATRO ESTAÇÕES

Sandra Lane

Release: “Quatro Estações” é uma adaptação livre da história “O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá”, do escritor brasileiro Jorge Amado. Esta apresentação propõe contar uma história de amor impossível, entre um gato e uma andorinha, supostos inimigos por natureza. A narrativa é apresentada de forma poética e humorada por inusitados bonecos confeccionados pelo artista Geraldo Magela, a partir de objetos reutilizáveis.

Ficha Técnica: Adaptação, Direção e Manipulação: Sandra Lane | Trilha Sonora: Vilmar de Oliveira | Confecção dos Bonecos: Geraldo Magela

Duração: 40 min

Classificação: Livre

MiniBio: Sandra Lane e Vilmar de Oliveira são parceiros de trabalho e pesquisas na área da contação de histórias há vinte anos. Sandra é especialista em arte e educação da palavra oral à escrita, pesquisadora da cultura popular, atriz, escritora e professora. Vilmar é músico com especialização em literatura, mídia e artes. Nos trabalhos da dupla busca-se a força da oralidade, mesclada à linguagem do teatro de animação, tendo por eixos a simplicidade e lirismo.

25 de junho _ 09H // 14 H // 15H30
Biblioteca Pública Luiz de Bessa



RAIZ PROFUNDA

Hermes Perdigão e Aline Beatriz

Release: Aconteceu no interior das Minas Gerais, um matuto que nunca foi ao dentista resolveu dar o ar da graça num consultório denário, só para ver mesmo. Passando pela praça ouviu alguém gritar “ Dentista, Dentista”, viu o lugar, entrou, uma cadeira bem cômoda, deitou até adormecer, roncava. Uma dentista entra, o que irá acontecer?

Ficha Técnica: Bonecos: Osório Garcia | Som: Aline Beatriz |
Manipulação dos bonecos: Hermes Perdigão

Duração: 1 min 30 seg

Classificação: Livre

MiniBio: Hermes Perdigão: artista plástico, bonequeiro, locutor. Aline Beatriz é contadora de estórias e palhaça.

**28 de junho _ 14H ÀS 16H
Parque Municipal**



3 X 4

Lúcio Honorato _ Grupo Girino

Release: O espetáculo 3x4 apresenta um fotógrafo lambe lambe que trabalha numa grande cidade. Seu rosto é como uma boa foto 3X4. Não sorri, não demonstra descontentamento, não esboça reação. Nas ruas, nas idas e vindas do cotidiano, seu rosto é o mesmo, nem triste, nem feliz nem nada...nada. Apenas um rosto, mais um rosto.

Ficha Técnica: Concepção, Direção e Atuação: Lúcio Honorato | Trilha Sonora: Tiago Almeida e Lúcio Honorato | Colaboração Artística: Marco Vieira

Duração: 03 min

Classificação: Livre

MiniBio: Artista multimeios graduado em Teatro pela UFMG. Sua pesquisa nas Artes cênicas caminha ao lado de sua pesquisa nas Artes Visuais, na qual elementos imagéticos e materiais são protagonistas no processo de criação. Ator, diretor, cenógrafo, preparador corporal, professor, construtor de bonecos e adereços e fotógrafo; integrou o Grupo Oficina Multimédia de 2007/2011 e o Grupo Girino 2011/2015 participando de diversos espetáculos em todo o Brasil.

27 de junho _ 14H ÀS 16H

Museu Mineiro

28 de junho _ 14H ÀS 16H

Parque Municipal



oficinas

Oficina Teatro de Sombras

Data: 30 de junho a 02 de julho [terça a quinta feira]

Horário: 19 às 22 horas

Carga horária: 09 horas

Ministrantes: Cecilia Costin, Iasmim Marques e Tiago Almeida [Grupo Girino]

Release: A oficina tem por objetivo difundir as técnicas milenares do Teatro de Sombras em seus aspectos teóricos e práticos, possibilitando aos participantes experimentar as projeções de formas, silhuetas, imagens, bonecos e objetos. Além disso a oficina propõe atividades de pesquisa e experimentação em técnicas de projeção, mecanismos de silhuetas e exercícios de manipulação.

Espaço Educativo

Data: 27 de junho [Sábado]

Horário: 14 às 16 horas

Público: todas as idades

Não é necessário inscrição prévia

Ministrante: Cecilia Costin [Grupo Girino]

Release: Uma vivência lúdica em técnicas de construção de bonecos e silhuetas de papel para todas as idades.

MiniBio: Cecilia Costin é artista visual e sombrista, graduada em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da UFMG. Recentemente realizou residência artística com a Companhia italiana Gioco Vita, criou silhuetas e bonecos de sombras para os espetáculos «Coração Alado» e «Sombras do Mar» do Grupo Girino e idealizou a exposição «Bonecos» no Centro Cultural da UFMG.

+ informações: www.festim.art.br/oficinas

atividades

café_debate

Data: 27 de junho

Horário: 17 horas | Local: Museu Mineiro

O café_debate tem como objetivo o intercâmbio de técnicas e reflexões acerca do Teatro em Miniatura e suas possibilidades de relação com o público. A atividade conta com a participação dos artistas da programação do FESTIM e o lançamento da Revista Anima. O debate é aberto ao público e pretende criar um espaço de intercâmbio, divulgação e reflexão sobre os espetáculos apresentados e o contato do público com os artistas.

+ informações: www.festim.art.br/debate

Revista Anima

Data: 27 de junho

Horário: 17 horas | Local: Museu Mineiro

Durante o café_debate acontece também o lançamento da quarta edição da Revista Anima, constituída de textos e trabalhos de artistas e pesquisadores convidados. A proposta da publicação é promover um canal de troca e compartilhamento de informações e experiências das possibilidades expressivas das miniaturas, promovendo um diálogo com as linguagens artísticas do teatro, performance e artes visuais.

+ informações: www.festim.art.br/anima

Palestra com Conceição Rosière

Data: 27 de junho

Horário: 18 horas | Local: Museu Mineiro

Considerações sobre o Teatro em Miniatura, Teatro Lambe Lambe, Teatro de Papel e Peep Show com a bonequeira e pesquisadora Conceição Rosière.

+ informações: www.festim.art.br/debate

REGISTROS FESTIM 2014
FOTOS DE CAMILO OLIVEIRA

A terceira edição do FESTIM foi realizada entre 04 e 06 de dezembro de 2014 em São Paulo. Idealizado e produzido pelo Grupo Girino Teatro de Animação em parceria com o Paço das Artes, a edição contou com apresentações de 10 espetáculos, 02 oficinas de formação e o Café_debate com o lançamento da terceira edição da Revista Anima.

Os fotógrafos Camilo Oliveira, Marco Vieira, Simone Diacopulus e Thaniara Carvalho produziram os registros da edição 2014 do FESTIM que seguem agora publicados.



REGISTROS FESTIM 2014
FOTOS DE CAMILO OLIVEIRA



REGISTROS FESTIM 2014
FOTOS DE CAMILO OLIVEIRA



REGISTROS FESTIM 2014
FOTOS DE CAMILO OLIVEIRA



REGISTROS FESTIM 2014
FOTOS DE CAMILO OLIVEIRA



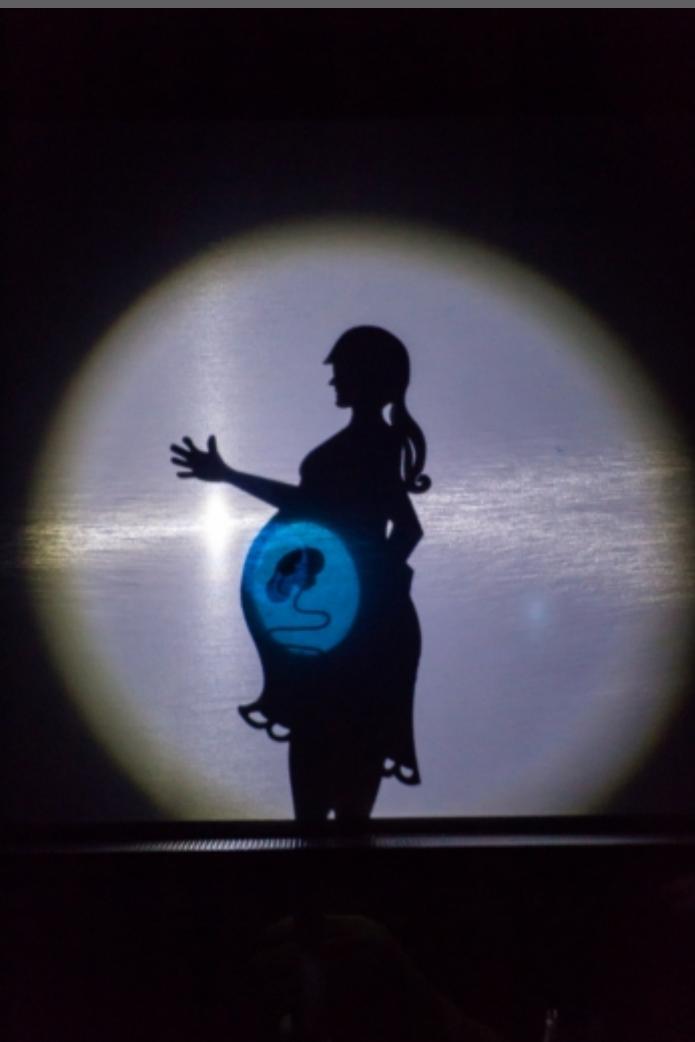
REGISTROS FESTIM 2014
FOTOS DE CAMILO OLIVEIRA



REGISTROS FESTIM 2014
FOTOS DE CAMILO OLIVEIRA



REGISTROS FESTIM 2014
FOTOS DE SIMONE DIACOPULUS



REGISTROS FESTIM 2014
FOTOS DE SIMONE DIACOPULUS



REGISTROS FESTIM 2014
FOTOS DE SIMONE DIACOPULUS



REGISTROS FESTIM 2014
FOTOS DE SIMONE DIACOPULUS



REGISTROS FESTIM 2014
FOTOS DE SIMONE DIACOPULUS



REGISTROS FESTIM 2014
FOTOS DE SIMONE DIACOPULUS



REGISTROS FESTIM 2014
FOTOS DE SIMONE DIACOPULUS



REGISTROS FESTIM 2014
FOTOS DE MARCO VIEIRA



REGISTROS FESTIM 2014
FOTOS DE MARCO VIEIRA



REGISTROS FESTIM 2014
FOTOS DE MARCO VIEIRA



REGISTROS FESTIM 2014
FOTOS DE MARCO VIEIRA



REGISTROS FESTIM 2014
FOTOS DE THANIARA CARVALHO



REGISTROS FESTIM 2014
FOTOS DE CAMILO OLIVEIRA





FESTIM

www.festim.art.br

FESTIVAL DE TEATRO EM MINIATURA

PATROCÍNIO:



PREFEITURA
BELO HORIZONTE

Realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

APOIO:



REALIZAÇÃO:



GRUPO GIRINO
WWW.GRUPOGIRINO.COM